AUTORES/ORGANIZADORES
Sérgio Augusto Abrahão Morato
Pedro de Oliveira Calixto
Lucas Reinert Laufer Pereira Mendes
Ramon Gomes

AUTORES/COLABORADORES
Ulisses Galatti
Fabrício Locatelli Trein
Fernanda Stender de Oliveira
Guilherme Nunes Ferreira







GUIA FOTOGRÁFICO DE IDENTIFICAÇÃO DA HERPETOFAUNA DA FLORESTA NACIONAL DE SARACÁ-TAQUERA, ESTADO DO PARÁ





IBAMA
ICMBio INSTITUTO CHICO MENDES MMA
MRN Mineração Rio do Norte
stcp CONSULTORIA ENGENHARIA GERENCIAMENTO

GUIA FOTOGRÁFICO DE IDENTIFICAÇÃO DA HERPETOFAUNA DA FLORESTA NACIONAL DE SARACÁ-TAQUERA, ESTADO DO PARÁ

AUTORES/ORGANIZADORES
Sérgio Augusto Abrahão Morato[1]
Pedro de Oliveira Calixto[1]
Lucas Reinert Laufer Pereira Mendes[1]
Ramon Gomes[1]

AUTORES/COLABORADORES
Ulisses Galatti[2]
Fabrício Locatelli Trein
Fernanda Stender de Oliveira
Guilherme Nunes Ferreira[1]

DESIGN GRÁFICO
Anderson Flavio Viana

1 STCP Engenharia de Projetos Ltda., Curitiba, PR
2 Museu Paraense Emílio Goeldi-MPEG, Belém, PA

Ficha catalográfica

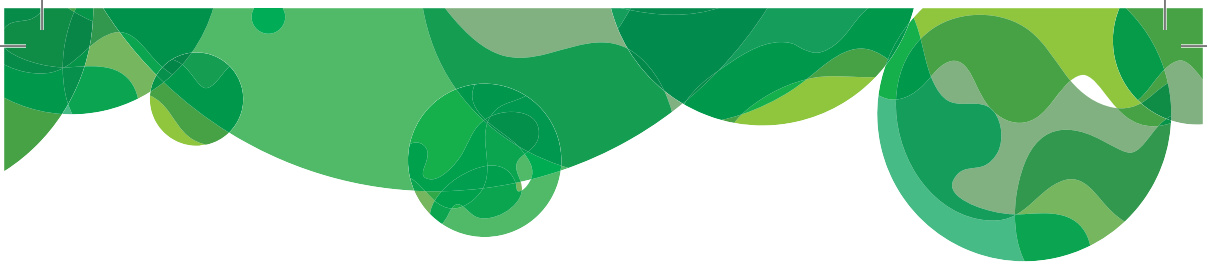
Guia fotográfico de identificação da herpetofauna da Floresta Nacional de Saracá-Taquera, Estado do Pará / Sérgio A.A. Morato...[et al.]. Curitiba: STCP Engenharia de Projetos Ltda., Porto Trombetas: MRN – Mineração Rio do Norte S.A.; 2014; 213 p.: il.
ISBN: 978-85-68814-00-0

1. Herpetologia. 2. Anfíbios. 3. Répteis. 4. Floresta Nacional de Saracá-Taquera, Pará. i. Sérgio Augusto Abrahão Morato. ii. Pedro de Oliveira Calixto. iii. Lucas Reinert Mendes. iv. Ramon Gomes. v. Ulisses Galatti. vi. Fabrício Locatelli Trein. vii. Fernanda Stender de Oliveira. viii. Guilherme Nunes Ferreira.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional,
conforme Decreto n°1825, de 20 de dezembro de 1907.

Dados internacionais de Catalogação da Publicação
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil)

2014



CONSULTORIA
ENGENHARIA
GERENCIAMENTO

www.stcp.com.br

Prefixo Editorial: 68814
Número ISBN: 978-85-68814-00-0
Título: Guia fotográfico de identificação da Herpetofauna da Floresta Nacional de Saracá-Taquera, estado do Pará.

Curitiba, Outubro de 2014

Citação recomendada

Morato, S.A.A.; Calixto, P.O.; Mendes, L.R.; Gomes, R.; Galatti, U.; Trein, F.L.; Oliveira, F.S.; Ferreira, G.N. Guia fotográfico de identificação da herpetofauna da Floresta Nacional de Saracá-Taquera, Estado do Pará. Curitiba: STCP Engenharia de Projetos Ltda.; Porto Trombetas: MRN – Mineração Rio do Norte S.A.; 213 p., 2014.

Realização



Colaboração Institucional



Colaboração Institucional





AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram de muitas formas para que este trabalho pudesse ser concluído. Muitos pesquisadores da área de Herpetologia atuaram em determinados períodos nos projetos que desenvolvemos na FLONA ao longo dos anos, e contribuíram com registros de algumas das espécies que perfazem esse livro. Tais colaboradores estão sendo inclusos em um artigo que descreve a herpetofauna da FLONA, que esperamos concluir muito em breve. Outros colegas de outras áreas das ciências naturais também nos brindaram com alguns registros de espécies ou fotografias tiradas na FLONA. Há, também, muitos amigos que nos auxiliaram com fotografias tiradas em outros recônditos da Amazônia ou do Brasil. Por fim, há aqueles que, com sua larga experiência acadêmica, nos ajudaram com as identificações de muitas das espécies ao longo de todo o tempo em que vimos atuando na região.

Queremos nomear essas nobres pessoas. Se por algum descuido ou infortúnio nos esquecemos de alguém, pedimos de imediato nossas desculpas. Em ordem alfabética, expressamos nossos mais sinceros agradecimentos aos seguintes amigos: Albertina Pimentel Lima, Ana Carla Rodrigues, Ana Lúcia da Costa Prudente, Analice Calaça, André Magnani Xavier de Lima, Aquila Fialho de Oliveira, Arlisson Costa, Daniela Gennari Pires de Toledo, Danilo José Vieira

Capela, Eduardo Chué Mazza Borges, Eliana Faria de Oliveira, Fabiano Rodrigues de Melo, Gleomar Maschio, Henrique Caldeira Costa, Iubatã Paula de Faria, Ivan França e Souza, Jairo Moura de Oliveira, Joana Gomes Tono Matuella, João Batista da Silva, João Fabricio de Melo Sarmento, José Antônio Renan Bernardi, José Renato Rosa, Julio Cesar de Moura-Leite, Kleber do Espírito-Santo Filho, Laércio Barbeiro, Luciano Moreira Ceolin, Luiza Paula Hobi Strle, Magno Vicente Segalla, Marcela Mainardes Tempo, Marcio Coutinho Pelissari, Marinus Hoogmoed, Michel Barros Faria, Michel Miretzki, Paulo Sérgio Bernarde, Rafael de Fraga, Rafael Silveira Ribeiro, Renato Neves Feio, Sara Machado, Sarah Mangia, Sidcley Matos, Maria do Socorro Amorim, Tereza Cristina Avila-Pires, Thiago Gomide, Vanessa Araújo Jorge, Vinícius São-Pedro, Vinícius Tadeu de Carvalho, Viviane Sodré e William Magnusson. Agradecemos também a todos os nossos colaboradores de campo, oriundos das comunidades quilombolas do Moura e do Boa Vista, os quais jamais pouparam esforços nos trabalhos. E, logicamente e principalmente, nossos mais sinceros agradecimentos a Milena Alves Moreira e a Eduardo Simões da Silva, Gerentes da MRN, e a Joésio Deoclécio Pierin Siqueira e Ivan Tomaselli, Presidência da STCP, sem os quais este projeto não teria sido concretizado.

INTRODUÇÃO

A Floresta Amazônica sempre despertou sentimentos de fascínio, admiração, paixão e respeito nas pessoas. Naturalistas como Spix e Martius (1820), Langsdorff (1825-1829), Natterer (1820-1835), Wallace (1848-1852), Bates (1848-1859), Agassiz (1865-1866) e muitos outros, através de suas experiências por estas terras, registraram em suas publicações e em cartas pessoais a singularidade, a beleza e as inigualáveis formas de vida encontradas nestas florestas. De certa forma, não há como não se deslumbrar com as exuberantes formações deste bioma, as quais se manifestam em diferentes níveis de organização geológica e biológica e são ou foram ressaltadas por diversas gerações de cientistas e naturalistas em todos os períodos recentes da história.

A Amazônia compreende a região que agrega a maior biodiversidade do planeta. Atualmente, o bioma contempla o registro de aproximadamente 40.000 mil espécies de plantas, 3.000 espécies de peixes e 3.200 espécies de outros vertebrados, além de um número ainda imensurável de insetos, aracnídeos e de outros grupos de pequenos, singulares e muitas vezes esquecidos organismos, como fungos, anelídeos e moluscos, somente para citar alguns exemplos. Esses valores, que tendem ainda a crescer mesmo para os grupos melhor conhecidos, por si só demonstram a importância deste bioma como um patrimônio biológico mundial. Por sua vez, ao levarmos em consideração que a área de ocorrência dos domínios amazônicos representa cerca de 4% das terras emergentes do planeta, e que esta pequena porção contêm cerca de 10% das espécies conhecidas e descritas formalmente, eleva-se ainda mais o seu significado e importância.

Embora seja tratada de uma maneira generalizada, a Amazônia não é homogênea quanto à distribuição dos organismos e/ou de habitats e ecossistemas. Há, em seus domínios, grandes variações nas paisagens e das biotas que as compõem. Tais variações são resultado direto de duas condições: dos aspectos climáticos, geológicos, geomorfológicos, pedológicos e hidrográficos da atualidade e, também, da complexa história geológica da região, a qual não apenas gerou a modificação gradual desses fatores físicos ao longo do tempo, como também a variação espacial e temporal das composições biológicas em diferentes porções do território. Em consequência, na Amazônia podem ser

encontradas composições biológicas muito distintas entre diferentes regiões de seus domínios.

Em função dessa diversificação do espaço geográfico da Amazônia, diversos autores (*e.g.,* Vanzolini & Williams, 1981; Cracraft, 1985; Haffer & Prance, 2001; Haffer, 1978, 1985; Silva *et al*., 2005, dentre outros) dividem o bioma em diversas sub-regiões, tendo como critérios a existência de comunidades biológicas específicas e distintas nas mesmas, a presença de endemismos (o que significa a existência de espécies ou outros níveis taxonômicos superiores exclusivos de cada uma dessas porções) e, ainda, critérios biogeográficos históricos que explicam as variações encontradas.

A primeira e principal subdivisão da Amazônia em diferentes regiões deve-se ao próprio rio Amazonas. Os autores supracitados e diversos outros reconhecem que este rio compreende uma importante barreira geográfica à dispersão de diversos componentes biológicos. Assim, em termos biogeográficos amplos, a Amazônia pode inicialmente ser subdividida em Amazônia Setentrional, *i.e.*, aquela localizada ao norte do rio Amazonas (também comumente chamada de Calha Norte do rio Amazonas), e Amazônia Meridional (ou Calha Sul). Em um segundo nível, e em função da existência de endemismos de diferentes grupos biológicos (por exemplo, aves, anfíbios, borboletas, plantas, etc.) em parcelas específicas do território, a Amazônia pode ainda ser subdividida em Áreas de Endemismos, cada qual com espécies exclusivas (endêmicas) que não ocorrem em nenhuma outra região do bioma ou do planeta. A região da FLONA de Saracá-Taquera, por exemplo, situa-se na Área de Endemismos das Guianas, a qual consiste na maior das áreas (mais de 1.700.000 ha) e abrange a maior parte da Amazônia Setentrional, ocorrendo sobre o escudo das Guianas desde a Venezuela até o Amapá. Além desta, pelo menos outras oito áreas são reconhecidas pela maioria dos autores (para uma revisão, ver Silva *et al*., 2005).

Embora, atualmente, tenha-se uma visão mais refinada sobre a complexidade da biota amazônica em relação ao descrito pelos antigos naturalistas, ainda existem muitas lacunas de conhecimento sobre as composições faunísticas em muitas regiões, bem como muitos questionamentos quanto à origem e às maneiras pelas quais as formas de vida se estruturaram e diversificaram nas diferentes porções

do território. Durante muito tempo, acreditou-se que a diversidade observada fosse resultado apenas de flutuações climáticas no Quaternário, proposta inicialmente a partir dos estudos de Haffer sobre os padrões de distribuição das aves na floresta Amazônica, e anos depois por Vanzolini ao estudar os lagartos tropicais. As ideias de ambos os pesquisadores ficaram conhecidas como a "Teoria dos Refúgios". Uma das hipóteses dessa teoria consiste na substituição de áreas de savanas, que supostamente dominavam a Amazônia no período Quaternário, por áreas florestadas em períodos úmidos e quentes mais recentes. Estas variações, segundo os autores, poderiam ter criado condições para a diversificação da biota em diferentes regiões do bioma por deriva genética e vicariância, uma vez que as populações ancestrais de muitas espécies estariam isoladas em pequenos fragmentos florestais naquele período.

Apesar da sutileza e lógica por trás desta teoria, nas últimas décadas novos estudos e dados foram aos poucos derrubando as principais hipóteses que serviram de cerne para a mesma. Estudos paleoclimáticos, paleoedáficos (com solos antigos) e paleopalinológicos (com pólen fóssil), por exemplo, têm demonstrado que as áreas de savanas não necessariamente ocorreriam nos núcleos da região Amazônica durante o Quaternário, mas sim em suas áreas marginais. Além disso, pesquisas com análise de marcadores moleculares indicaram que a diversidade da Amazônia provavelmente tenha sido gerada em períodos anteriores, pois a comparação do acúmulo de mutações entre espécies congêneres analisadas indicaram uma divergência muito mais antiga.

Muito ainda tem a se discutir e descobrir sobre os padrões que moldaram esta magnífica porção do planeta que consiste a Amazônia e que influenciaram a biodiversidade ali existente. Parece ser consenso entre os pesquisadores que flutuações climáticas do passado devam ter contribuído para a distribuição e diversidade dos elementos da fauna. No entanto, devido à complexa história evolutiva do bioma, outros eventos aliados à reorganização de paisagem, modificadas e geradas por processos geológicos e biológicos, devem ter contribuído para o padrão como um todo, porém de maneiras distintas para diferentes grupos e diferentes sub-regiões. Exemplos de algumas dessas relações consistem nas densidades e relações específicas entre predadores e presas, disponibilidade de recursos no solo e na vegetação, disponibilidade hídrica, declividade do terreno, influência de biomas circundantes, dentre tantas outras variáveis. Nas palavras de Haffer:

"(...) Os ciclos de perturbação hierárquica geram mosaicos cujas peças variam de tamanho e novas peças se sobrepõem continuamente às peças existentes (...)."

Portanto, dificilmente uma hipótese baseada apenas em um ou poucos processos bióticos e abióticos poderá explicar a origem e complexidade dos padrões observados. Enfim, poderá sempre existir mais dúvidas do que respostas, o que gera a necessidade sempre crescente de novas pesquisas, dentre as quais os inventários faunísticos de localidades específicas, os quais consistem no primeiro passo na investigação de mecanismos de especiação e de origem da diversidade em regiões tropicais (Vanzolini, 1988). Tais estudos ainda hoje se fazem necessários no Brasil.

Por que iniciamos a apresentação deste livro, que pretende em sua essência ser apenas um guia para técnicos que atuam nos processos de resgate e monitoramento de fauna na FLONA de Saracá-Taquera, com uma discussão sobre questões acadêmicas que ainda não são plenamente respondidas? A resposta é simples: porque é necessário que todos os seus possíveis usuários – sejam eles profissionais das áreas de ciências naturais ou tecnológicas, estudantes ou simples entusiastas e curiosos – pelo menos entendam que a natureza não é estática, não apresenta homogeneidade e nem tão pouco é auto regenerativa, como muitos acreditam e advogam. Ao contrário! É necessário que todos nós entendamos que, mesmo em face de tantos questionamentos, o ambiente físico (solos, clima, relevo, temperatura, hidrografia, etc.), a flora e a fauna que hoje existem foram moldadas de maneiras muito sutis e delicadas ao longo de uma escala de tempo que foge à da história humana. Quando assimilamos essa informação, somos capazes de perceber o quanto de nossas ações podem interferir em processos que jamais se repetirão e, em consequência, jamais gerarão, numa escala de tempo humano, a diversidade que hoje (ainda) existe. Isto nos leva a concluir que não podemos admitir que nenhuma peça do intrincado quebra-cabeças do ambiente se perca, fato que exige que os empreendedores e os segmentos da sociedade com atuação nas áreas de produção de bens e serviços desenvolvam suas ações com o máximo de cuidado na proteção da biodiversidade, seja no bioma Amazônico, seja em qualquer outra parte do mundo.

Acreditamos também que uma apresentação sobre a dinâmica das relações que levaram à existência de mosaicos de ambientes e suas respectivas espécies no bioma Amazônico como um todo levem ao raciocínio de que tais variações ocorrem também em escalas menores (como no caso da região de inserção da Floresta Nacional de Saracá-Taquera e de seu entorno). Como veremos, esta Unidade de Conservação não apresenta homogeneidade em suas paisagens, mas uma elevada diversidade de ecossistemas em interação, os quais também são frutos de uma história geológica peculiar e específica daquela região e determinam, em nível local, distribuições diferenciadas das espécies ao longo do gradiente ambiental. Estas condições devem ser levadas em consideração no

momento em que intervenções são realizadas para atividades produtivas que, no caso desta FLONA, consistem na mineração de bauxita e na exploração de produtos florestais.

O presente guia foi elaborado como uma das medidas adotadas pela Mineração Rio do Norte – MRN – para a minimização e compensação de impactos ambientais derivados da mineração de bauxita realizada pela empresa na FLONA de Saracá-Taquera. Sua principal finalidade é permitir aos técnicos que atuam nas atividades de resgate e afugentamento de fauna, que se desenvolvem previamente à abertura de novas frentes de lavra, possam identificar as espécies existentes em cada local e efetuar adequadamente seu manejo (o qual consiste em respeitar os ambientes de ocorrência, horários e modos de vida de cada espécie no momento de sua realocação no ambiente). Além disso, este guia representa o "estado da arte" do conhecimento sobre a herpetofauna regional. Neste sentido, apesar de retratar mais de 12 anos de pesquisas e monitoramentos que vimos realizando na FLONA e apresentar uma lista bastante significativa de espécies, ele não deve ser entendido como uma palavra final sobre os anfíbios e répteis existentes naquela Unidade de Conservação. Certamente ainda há muito que se descobrir, como bem exemplificam as descrições recentes de espécies descobertas na FLONA e/ou em outras áreas próximas (como o anfisbenídeo *Mesobaena rachycephala* e o gimnofiono *Microcaecilia trombetas*), os registros de algumas espécies somente para os últimos anos de estudos e as ampliações de distribuição de outras. Estes são apenas alguns dos exemplos que sugerem que ainda estamos no caminho.

Por fim, é preciso que se diga que, como consequência das atividades minerarias da FLONA, esforços significativos na geração de conhecimentos e na proteção do patrimônio biológico local têm sido realizados, na medida em que a produção mineral é acompanhada de ações de manejo, recuperação e monitoramento ambiental. Assim, embora pareça paradoxal, a presença de uma empresa responsável, cujas atividades são sujeitas a licenciamento e controle ambiental, auxilia significativamente os órgãos ambientais na proteção da biodiversidade e na produção de conhecimentos da FLONA, culminando inclusive na publicação deste guia.

A FLONA DE SARACÁ-TAQUERA

Florestas Nacionais são unidades de conservação de uso sustentável previstas no SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (Lei Federal nº 9985/2000). Consistem em áreas com cobertura florestal de espécies predominantemente nativas e que têm como objetivos básicos o uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica, com ênfase em mé-

todos para exploração sustentável de florestas nativas. Dependendo de seus objetivos de criação, podem contemplar atividades minerárias, respeitada a legislação específica em vigor.

A Floresta Nacional (FLONA) de Saracá-Taquera foi criada em 1989 com os objetivos de utilizar de forma sustentável os recursos da floresta, permitir a mineração local e permitir o desenvolvimento de pesquisas científicas em diferentes âmbitos. Sua área é de aproximadamente 441.280 hectares, e está localizada na margem direita do rio Trombetas, entre os municípios de Terra Santa, Oriximiná e Faro, no oeste do Estado do Pará. A biomassa da floresta é das mais altas já encontradas. Além de possuir altos índices de diversidade de fauna e flora, a FLONA é adjacente à Reserva Biológica do Rio Trombetas, e em conjunto compõem as UC federais do rio Trombetas, responsáveis pela proteção de cerca de 800.000 ha do bioma Amazônico. Na FLONA existe ainda a produção de bauxita pela Mineração Rio do Norte S.A. (MRN), que explora o minério desde 1976, portanto em período anterior à criação da UC.

Geograficamente, a FLONA de Saracá-Taquera localiza-se na região do Escudo das Guianas, ao norte do rio Amazonas. De acordo com a classificação RADAM (1976), insere-se na unidade do Planalto Dissecado Rio Trombetas - Rio Negro, limitada a norte pelos relevos residuais da borda norte da Bacia Sedimentar do Amazonas. Esta unidade possui relevos tabulares (platôs), cujos topos foram aplainados pela pediplanação plio-pleistocênica e cujas encostas ravinadas foram marcadas por morfogênese úmida. Em meio aos platôs ocorre uma rica rede de pequenos cursos d'água (igarapés), que ora desaguam diretamente nos grandes rios Trombetas (ao norte) e Nhamundá (ao sul), ora em grandes lagos que margeiam esses cursos d'água. As maiores altitudes atingem entre 130 e 270m, e as menores entre 80 e 60 m.

Em uma escala mais proximal, a FLONA insere-se ainda no Domínio Morfoclimático dos Planaltos Dissecados e Áreas Pediplanas da Amazônia, caracterizado por condições pluviométricas que registram entre 10 a 25 dias secos no ano e temperatura média mais fria superior a 15º C. Esta situação é confirmada pela presença predominante de Florestas Densas, típicas do sistema intertropical úmido. O clima é caracterizado como Equatorial Quente úmido com os meses de agosto, setembro e outubro sendo os mais secos do ano e fevereiro, março e abril os mais chuvosos. Em média, a precipitação pluviométrica anual é em torno de 2.000mm e a umidade relativa média do ar é superior a 80%.

Mapa de Localização da FLONA de Saracá-Taquera



Do ponto de vista fitogeográfico, a FLONA de Saracá-Taquera situa-se no Domínio das Terras Baixas Florestadas da Amazônia (Ab'Saber, 1971). Segundo a classificação fitogeográfica do IBGE (1984), ainda, a sua cobertura vegetal encontra-se predominantemente inserida dentro da Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas ou Floresta Pluvial Tropical de Terras Baixas. Esta tipologia florestal é dependente de alto índice pluviométrico e apresenta uma densa biomassa vegetal, abrigando a maior diversidade de espécies animais da região. Caracteriza-se por conter dois estratos distintos: um emergente contendo indivíduos arbóreos de grande porte (com grande destaque a *Bertholletia excelsa* - castanheira-do-Brasil, *Dinizia excelsa* - angelim-pedra e *Cedrelinga catenaeformis* - cedrorana) e um estrato inferior uniforme, onde há uma elevada presença de espécies de médio a grande porte.

Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas presente na FLONA de Saracá-Taquera



Foto: Sérgio Morato

Além da Floresta Ombrófila Densa, a vegetação da FLONA é ainda caracterizada pelas Florestas Aluviais, as quais ocorrem nos vales dos pequenos rios e igarapés e são condicionadas pelos regimes de cheias e secas. Tratam-se de florestas de menor porte e diversidade em relação às Florestas de Terras Baixas e onde se observam por vezes altas concentrações de palmeiras, em especial o açaí (*Euterpe oleracea*). À medida que tais florestas se aproximam dos lagos e dos grandes rios em menores declividades e altitudes, uma gradativa mudança é observada na composição florística, e esta floresta é substituída pelos Igapós, que consistem em ambientes periodicamente inundados e cuja vegetação é altamente tolerante ao fenômeno das cheias. Os igapós podem ser predominantemente compostos por indivíduos arbóreos quando localizados na foz dos principais igarapés, sendo chamados pelas comunidades regionais de florestas de igapó, ou arbustivos, conformando as várzeas dos grandes rios e lagos da região e sendo denominados pelos ribeirinhos de chavascais.

Por fim, outro importante ambiente presente nas proximidades da FLONA, porém ainda não constatado em seu interior, é a Campinarana, a qual consiste em uma vegetação predominantemente arbustiva e esparsa que se desenvolve sobre solos pouco consolidados, em geral arenosos ou areno-argilosos. Este ambiente é presente principalmente ao sul da Unidade.

Além dessas principais formações, na FLONA ocorrem ainda ambientes que, embora de difícil demarcação nas escalas de mapeamento que são utilizadas, apresentam sua significância para a fauna. Dentre tais ambientes destacam-se as clareiras em meio à floresta e os banhados que se formam durante períodos chuvosos. Ambos são ambientes condicionados por eventos climáticos como chuvas e ventos, pela declividade do terreno ou pela própria sucessão temporal da vegetação. Tratam-se de ecossistemas de grande importância na dinâmica e na diversidade da fauna regional por propiciarem recursos alimentares e ambientes adequados para a reprodução (especialmente no caso dos banhados para anfíbios).

Floresta Aluvial presente na FLONA de Saracá-Taquera



Foto: Sérgio Morato

Floresta de Igapó durante época cheia na porção sul da FLONA de Saracá-Taquera



Foto: Sérgio Morato

Várzeas (chavascais) do rio Trombetas



Foto: Sérgio Morato

Campinaranas presentes ao sul da FLONA de Saracá-Taquera



Foto: Sérgio Morato

A HERPETOFAUNA DA FLONA DE SARACÁ-TAQUERA

Este guia tem como públicos-alvo tanto pesquisadores e profissionais das áreas de ciências naturais quanto pessoas que possuem curiosidade e fascínio pela biodiversidade Amazônica. Seu propósito é auxiliar estas pessoas a identificar as espécies até então registradas na FLONA de Saracá-Taquera. Para tanto, neste guia são relacionadas praticamente todas as espécies de anfíbios e répteis registradas ao longo dos últimos 12 anos na Unidade. Entretanto, como já salientamos anteriormente, estas informações, embora sejam fruto de grandes esforços, ainda não são definitivas. Para ilustrar isto, basta informar que, ao final da consolidação desta edição, outra espécie de serpente aqui não relacionada (a coral-falsa *Oxyrhopus vanidicus*) foi registrada através das atividades de resgate de fauna desenvolvidas na região.

Não obstante a possibilidade de futuras complementações a este guia, o mesmo se pretende bem completo. São apresentadas neste trabalho 52 espécies de anfíbios e 123 de répteis, distribuídas em 39 famílias pertencentes às principais ordens e classes deste grupo. A princípio, salvo o pequeno anfíbio *Allobates* sp. (que corresponde à espécie ainda não descrita citada para a Reserva Ducke em Manaus por Lima *et al.,* 2008), nenhuma espécie carece de determinação específica. Além das imagens que ilustram cada uma das espécies registradas, apresentamos informações ecológicas obtidas durante os trabalhos de campo que realizamos na FLONA (complementadas, quando necessário, com informações obtidas a partir da literatura) e dados sobre o risco de ameaça das espécies em questão em três diferentes níveis: mundial (tendo-se por base a lista da IUCN, 2014), nacional (segundo a lista do Ministério do Meio Ambiente – MMA, 2003) e estadual (SEMA, 2006). Por fim, o leitor encontrará mapas que ilustram a distribuição geográfica aproximada para as espécies registradas, obtidos a partir da literatura.

Dentre os anfíbios, apenas o grupo das salamandras não foi registrado. A maioria das espécies pertence ao grupo dos Anuros (sapos, rãs e perereca), a qual teve o registro de 48 espécies de dez famílias. O grupo Gymnophiona (cobras-cega e cecílias), por sua vez, conta com o registro de quatro espécies de quatro diferentes famílias.

Para os répteis, a diversidade de táxons é maior. O grupo dos crocodilianos (Crocodylia) é representado por quatro espécies da única família conhecida para o Brasil (Alligatoridae). Já para os quelônios (Testudines), encontramos até o momento quatro famílias e 13 espécies. Por fim, o grupo dos Squamata, ou os répteis escamados, se sobressai em relação a todos os grupos ora apresentados. Para melhor compreendemos a diversidade deste grupo, temos

que dividi-lo em pelo menos três subgrupos, a saber: Lagartos, Anfisbenídeos e Serpentes.

O primeiro grupo, apesar de não ser um agrupamento monofilético, é denominado de maneira genérica como “Lagartos” por questões históricas relacionadas à sua descrição e ecológicas referentes ao modo de vida das espécies. Este grupo conta com o registro de 34 espécies distribuídas em dez diferentes famílias. Já os anfisbenídeos, as cobras-de-duas-cabeças (Amphisbaenia), contam com o registro de quatro espécies de apenas uma família. Por fim, o grupo das Serpentes contempla o registro de 68 espécies, distribuídas em nove famílias.

Em todos os grupos acima citados, pode-se afirmar que a diversidade de espécies é bastante alta, sobrepondo-se a muitas outras regiões brasileiras ou Amazônicas conhecidas. Mais do que uma função dos esforços para caracterização da herpetofauna regional (embora esta condição seja importante na listagem apresentada neste guia), esta elevada riqueza de espécies deve-se principalmente à alta variabilidade ambiental que existe na FLONA e em sua região de entorno. E isto não se refere apenas à diversidade de ambientes terrestres; os ecossistemas aquáticos conformados pelos igarapés, pelos banhados, pelos lagos e pelos rios são essenciais para uma grande parcela da herpetofauna ora registrada.

As páginas a seguir apresentam as espécies registradas na FLONA, acompanhadas dos ambientes de registro, seus hábitos e outras informações pertinentes sobre sua biologia.

COMO USAR ESTE GUIA

Este guia visa auxiliar os técnicos e profissionais que atuam nos trabalhos de afugentamento, resgate e monitoramento de fauna a identificar, em campo, as espécies da herpetofauna já registradas na FLONA de Saracá-Taquera e em seu entorno. Trata-se de um trabalho que servirá também de referência para a continuidade do inventário de fauna regional.

Este guia foi estruturado apresentando a relação das espécies até então conhecidas, categorizadas segundo Classes, Ordens e Famílias. A classificação taxonômica adotada segue a proposta da Sociedade Brasileira de Herpetologia (SBH, 2014). Cada espécie contempla uma foto principal e, eventualmente, uma ou duas fotos complementares. Todas as espécies são ainda acompanhadas de informações sobre os habitats em que foram registradas na FLONA, hábitos e horário de atividade (neste caso representado por ícones, conforme a figura abaixo).

Ícones para representação do horário de atividade registrado para as espécies



Por fim, para cada espécie é ainda informado o grau de ameaça conhecido em diferentes níveis (internacional, nacional e para o Estado do Pará), tendo-se por base os critérios para as diferentes categorias de ameaça e as listas da *International Union for Conservation of Nature* (IUCN, 2014), do Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2003) e da Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Pará (SEMA, 2006). As diferentes categorias de ameaça são representadas por escalas de cores, conforme as figuras a seguir.

Escala de cores adotada para diferentes categorias de ameaça propostas pela IUCN (2014)

- *Least concern* (LC) Menor Preocupação
- *Near Threatened* (NT) Próxima de Ameaça
- *Vulnerable* (VU) Vulnerável
- *Endangered* (EN) Ameaçada
- *Critically Endangered* (CR) Criticamente Ameaçada
- *Extinct in the Wild* (EW) Extinta na Natureza
- *Extinct* (EX) Extinta
- *Data Deficient* Dados Insuficientes

Escala de cores adotada para diferentes categorias de ameaça propostas pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2003) e pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Pará (SEMA, 2006)

- Vulnerável (VU)
- Em Perigo (EP)
- Criticamente em Perigo (CP)
- Extinta na Natureza (EN)
- Extinta (EX)
- Deficiente em Dados (DD)

Os Répteis da FLONA de Saracá-Taquera





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes

Thecadactylus rapicauda
(Houttuyn, 1782)

Osga, briba





Tamanho máximo aproximado (CRC) 12,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de florestas e áreas abertas com árvores dispersas.

Hábito Arborícola, podendo ser encontrada em cascas desprendidas e ocos de árvores, troncos caídos e entre folhas de palmeiras.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Fernanda Stender



Chatogekko amazonicus
(Andersson, 1918)

Lagartixa, briba

Tamanho máximo aproximado (CRC) 2,5 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias e suas bordas.

Hábito Terrícola, sendo encontrada em meio à serapilheira.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes

Gonatodes annularis
Boulenger, 1887

Lagartixa, briba

Tamanho máximo aproximado (CRC) 5,5 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito Semiarborícola, encontrado sobre a vegetação baixa e sob rochas, troncos caídos, em buracos no solo e em emaranhados de raízes.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato





Fêmea

Gonatodes humeralis
(Guichenot, 1855)

Lagartixa, briba

Tamanho máximo aproximado (CRC) 4,5 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, bordas de florestas, clareiras, capoeiras, campinaranas e áreas alteradas.

Hábito Semiarborícola, encontrado sobre a vegetação baixa e sob rochas, troncos caídos, em buracos no solo e em emanharados de raízes.

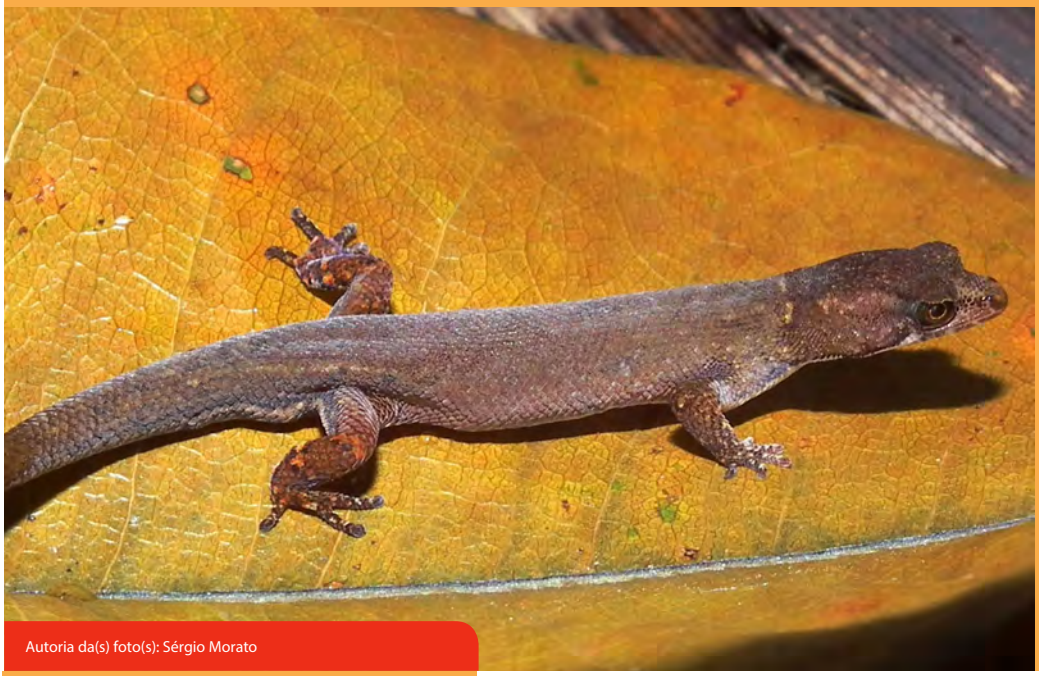
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Pseudogonatodes guianensis
Parker, 1935

Lagartixa, briba

Tamanho máximo aproximado (CRC) 3,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito Terrícola, encontrado em meio à serapilheira.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Pedro Calixto



Hemidactylus mabouia

(Moreau de Jonnès, 1818)

Lagartixa, briba

Tamanho máximo aproximado (CRC) 7,0 cm

Habitat Áreas urbanas e antropizadas com vegetação rala. Cabe destacar que esta espécie é exótica, de origem africana.

Hábito Semiarborícola. Durante o dia, escondem-se nos mais diversos ambientes como frestas em habitações humanas, sob cascas de árvores e sob rochas.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Fabrício Trein

Dactyloa punctata
(Daudin, 1802)

Camaleão, papa-vento, calango-verde





Tamanho máximo aproximado (CRC) 9,0 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias e secundárias.

Hábito Arborícola, podendo ser encontrado em diversos estratos da floresta. Raramente visto no solo.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes





Norops chrysolepis
(Duméril and Bibron,1837)

Papa-vento, calango

Tamanho máximo aproximado (CRC) 8,0 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias e secundárias.

Hábito Semiarborícola, podendo ser encontrado desde o solo de floresta até o estrato médio da vegetação.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes

Norops fuscoauratus
(D'Orbigny, 1837)

Papa-vento, calango





Tamanho máximo aproximado (CRC) 5,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, igapós, capoeiras e áreas urbanas arborizadas.

Hábito Arborícola, ocorrendo em todos os estratos da vegetação. Raramente encontrado no solo.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes





Norops ortonii
(Cope, 1868)

Papa-vento, calango

Tamanho máximo aproximado (CRC) 6,0 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias e secundárias.

Hábito Arborícola. Pode ser encontrado sobre a vegetação de florestas densas ou em clareiras e bordas da floresta. Raramente encontrado no solo.

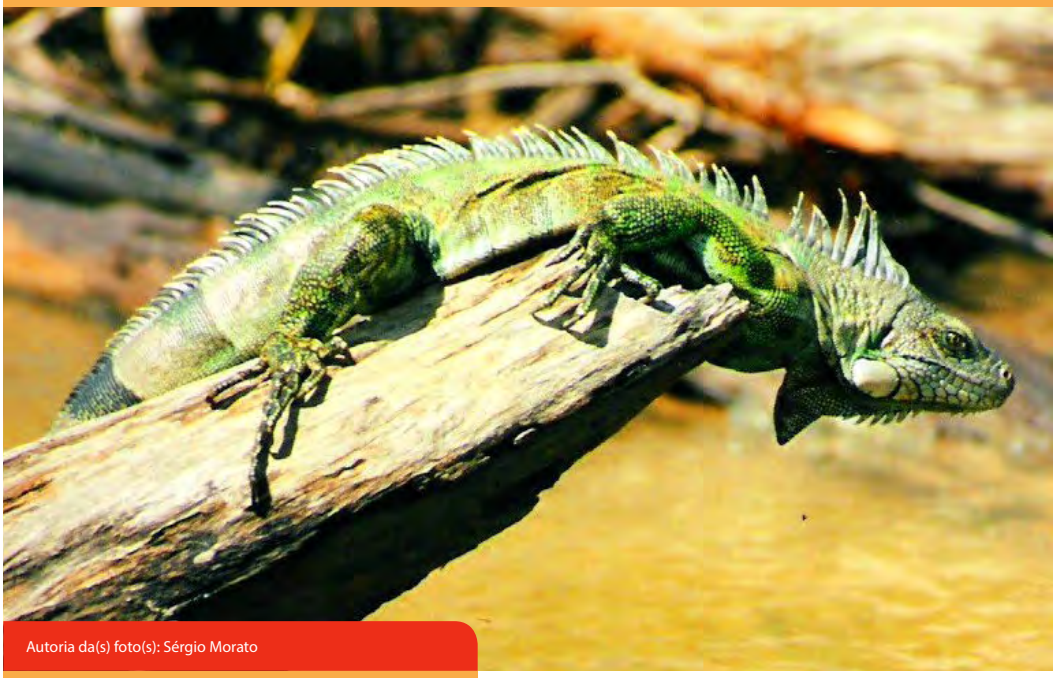
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Iguana iguana
(Linnaeus, 1758)

Camaleão, iguana

Tamanho máximo aproximado (CRC) 45,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, bordas de floresta, campinaranas, praias e ambientes alterados em diferentes níveis, como áreas degradadas e áreas urbanas.

Hábito Diversificados. Pode ser encontrada desde o topo de árvores (dossel) até o solo. Geralmente, fica próxima a corpos d'água, podendo eventualmente ser encontrada nadando.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência









Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes

Polychrus marmoratus
(Linnaeus, 1758)

Papa-vento, camaleão

Tamanho máximo aproximado (CRC) 14,5 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, bordas de floresta, clareiras, capoeiras e áreas alteradas.

Hábito Arborícola, sendo geralmente encontrado sobre a vegetação baixa.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Lucas Mendes e Viviane Sodré

Plica plica
(Linnaeus, 1758)

Tamaquaré





Tamanho máximo aproximado (CRC) 18,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.

Hábito Arborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes



Plica umbra
(Linnaeus, 1758)

Tamaquaré

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CRC) 10,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, capoeiras, bordas de florestas e áreas alteradas.

Hábito Arborícola, podendo eventualmente ser encontrada em deslocamento sobre o solo.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Uracentron azureum
(Linnaeus, 1758)

Tamaquaré-de-espinho, lagarto-rabo-de-abacaxi



Tamanho máximo aproximado (CRC) 9,0 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias.

Hábito Arborícola, geralmente ocupando os estratos mais altos da vegetação. Pode eventualmente ser encontrado sobre o solo.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fernanda Stander e Sérgio Morato



Uranoscodon superciliosus
(Linnaeus, 1758)

Tamaquaré, tamaquaré-d'água

Tamanho máximo aproximado (CRC) 16,0 cm

Habitat Florestas aluviais primárias e secundárias e igapós.

Hábito Semiarborícola, sendo encontrado sobre galhos e troncos nas proximidades de rios, lagos e igarapés, podendo deslocar-se sobre o solo ou sobre a água.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Fabrício Trein

Copeoglossum nigropunctatum
(Spix, 1825)

Calango, calango-liso, briba



Tamanho máximo aproximado (CRC) 11,5 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, capoeiras, clareiras, bordas de floresta, campinaranas e áreas alteradas.

Hábito Semiarborícola, ocorrendo desde o solo até o dossel do ambiente.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato



Alopoglossus angulatus
(Linnaeus, 1758)

Calango, lagartixa, briba

Tamanho máximo aproximado (CRC) 6,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito Terrícola, encontrado em meio à serapilheira.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes

Arthrosaura reticulata
(O'Shaughnessy, 1881)

Calango, lagartixa



Tamanho máximo aproximado (CRC) 7,0 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias e secundárias.

Hábito Terrícola, encontrado em meio à serapilheira.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Vinícius Carvalho

Bachia flavescens
(Bonnaterre, 1789)

Cobra-cega

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CRC)	15,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme primárias.
Hábito	Semifossorial, encontrada em meio à serapilheira, sob troncos e pedras e no interior de formigueiros.
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●



Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein e Sérgio Morato

Cercosaura ocellata

Wagler, 1830

Calango, lagartixa





Tamanho máximo aproximado (CRC) 7,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, campinaranas, clareiras e bordas de floresta.

Hábito Terrícola.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Fabrício Trein e Lucas Mendes





Iphisa elegans
Gray, 1851

Calango, lagartixa, briba

Tamanho máximo aproximado (CRC) 7,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.

Hábito Semifossorial, encontrada em meio à serapilheira e sob troncos e pedras.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e João Batista da Silva

Leposoma guianense

Ruibal, 1952

Calango, lagartixa, briba



Tamanho máximo aproximado (CRC)	4,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, capoeiras e bordas de floresta.
Hábito	Terrícola, encontrado em meio à serapilheira.
Atividade	

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Thiago Gomide



Neusticurus ecpleopus

Cope, 1876

Calango-d'água

Tamanho máximo aproximado (CRC) 8,5 cm

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e igapós.

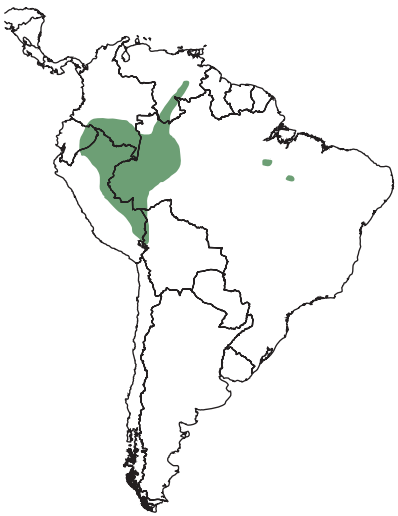
Hábito Semiaquático.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Thiago Gomide e Fabrício Trein

Neusticurus rudis

Boulenger, 1900

Calango-d'água





Tamanho máximo aproximado (CRC) 9,5 cm

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e igapós.

Hábito Semiaquático.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





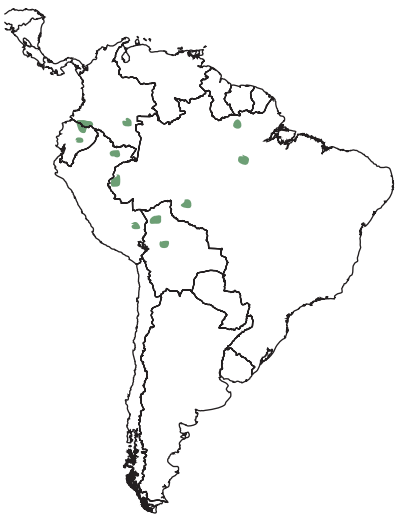
Autoria da(s) foto(s): Paulo Bernarde

Ptychoglossus brevifrontalis

Boulenger, 1912

Calango, lagartixa, briba

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CRC)	6,5 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.
Hábito	Terrícola, encontrado em meio à serapilheira.
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomide, Sérgio Morato e Fabrício Trein

Tretioscincus agilis
(Ruthven, 1916)

Calango, calango-do-rabo-azul, lagartixa





Tamanho máximo aproximado (CRC) 6,5 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, capoeiras, campinaranas, bordas de floresta e áreas antropizadas.

Hábito Terrícola, encontrado em meio à serapilheira ou sobre ambientes rochosos.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): João Batista da Silva

Área(s) de ocorrência



Tretioscincus oriximinensis

Ávila-Pires, 1995

Calango, calango-do-rabo-azul, lagartixa

Tamanho máximo aproximado (CRC)	5,5 cm
Habitat	Florestas de terra firme primárias e secundárias, capoeiras, bordas de floresta e áreas antropizadas.
Hábito	Terrícola, encontrado em meio à serapilheira ou sobre ambientes rochosos.
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein e Sérgio Morato

Ameiva ameiva
(Linnaeus, 1758)

Calango, calango-verde



Tamanho máximo aproximado (CRC) 19,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, bordas de floresta, campinaranas, capoeiras, praias, áreas alteradas e áreas urbanas.

Hábito Terrícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Cnemidophorus cryptus

Cole & Dessauer, 1993

Calango

Tamanho máximo aproximado (CRC)	6,5 cm
Habitat	Bordas de florestas, clareiras, capoeiras, campinaranas, praias, áreas alteradas e áreas urbanas.
Hábito	Terrícola.
Atividade	Mais ativo no período entre 10h à 14h, com pico por volta do 12h.

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Cnemidophorus lemniscatus
(Linnaeus, 1758)

Calango, calango-azul (machos)

Tamanho máximo aproximado (CRC) 10,0 cm

Habitat Campinaranas e praias.

Hábito Terrícola.

Atividade Mais ativo no período das 9h à 12h.

Níveis de ameaça

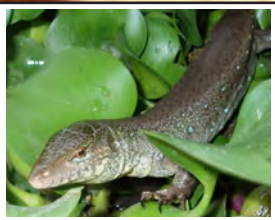
Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Vinícius Carvalho



Crocodilurus amazonicus

Spix, 1825

Jacarerana, calango-d'água

Tamanho máximo aproximado (CRC) 22,0 cm

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e igapós.

Hábito Semiaquático, sendo encontrado no curso d'água de igarapés e em suas margens, bem como em áreas pantanosas inundadas.

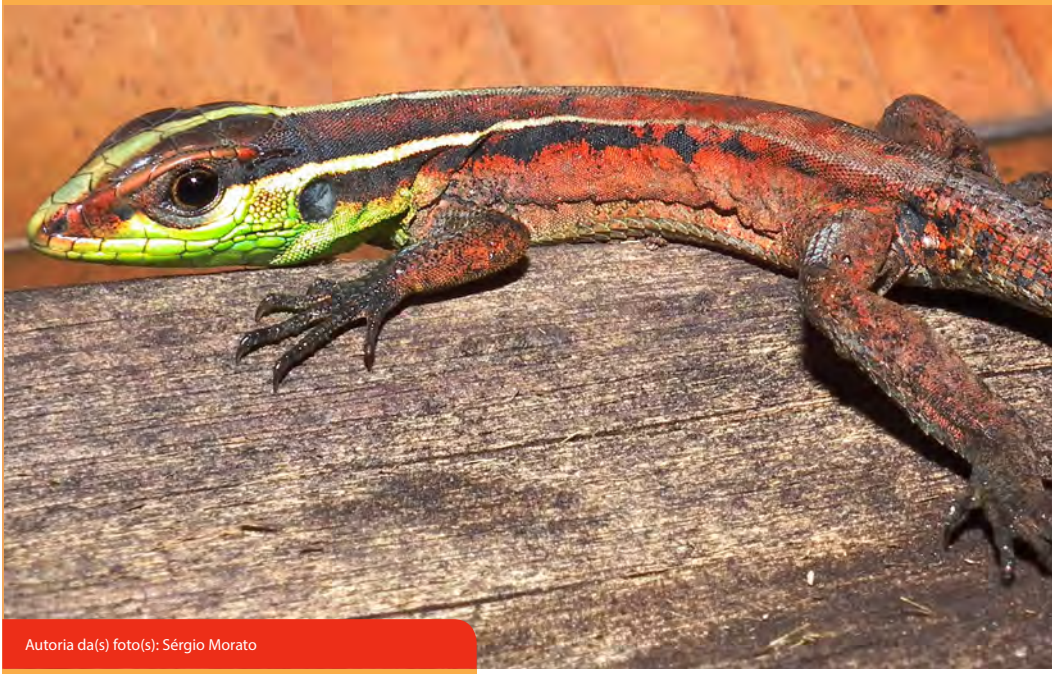
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial (LC)
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Kentropyx calcarata
Spix, 1825

Calango

Tamanho máximo aproximado (CRC) 11,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, campinaranas e bordas de floresta.

Hábito Terrícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes



Tupinambis teguixin
(Linnaeus, 1758)

Jacuraru

Tamanho máximo aproximado (CRC) 35,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, campinaranas, capoeiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Terrícola, podendo eventualmente ser encontrado sobre a vegetação ou dentro d'água.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Pedro Calixto

Amphisbaena alba

Linnaeus, 1758

Cobra-cega



Tamanho máximo aproximado (CRC) 78,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, capoeiras, campinaranas, bordas de florestas e áreas alteradas.

Hábito Fossorial.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Guilherme Ferreira e Lucas Mendes





Amphisbaena amazonica

Vanzolini, 1951

Cobra-cega

Tamanho máximo aproximado (CRC) 33,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, capoeiras, bordas de florestas e áreas alteradas.

Hábito Fossorial.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes

Amphisbaena vanzolinii
Gans, 1963

Cobra-cega

Tamanho máximo aproximado (CRC) 16,5 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias.

Hábito Fossorial.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Guilherme Ferreira

Área(s) de ocorrência



Mesobaena rhachicephala

Hoogmoed, Pinto, Rocha & Pereira, 2009

Cobra-cega

Tamanho máximo aproximado (CRC)	25,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme primárias e secundárias, bordas de florestas e áreas alteradas.
Hábito	Fossorial.
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○



Autoria da(s) foto(s): Rafael de Fraga

Typhlophis squamosus
(Schlegel, 1839)

Cobra-cega





Tamanho máximo aproximado (CT) 22,5 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias e bordas de florestas.

Hábito Fossorial, podendo ser encontrado em galerias de formigueiros e cupinzeiros.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Epictia tenella
(Klauber, 1939)

Cobra-cega

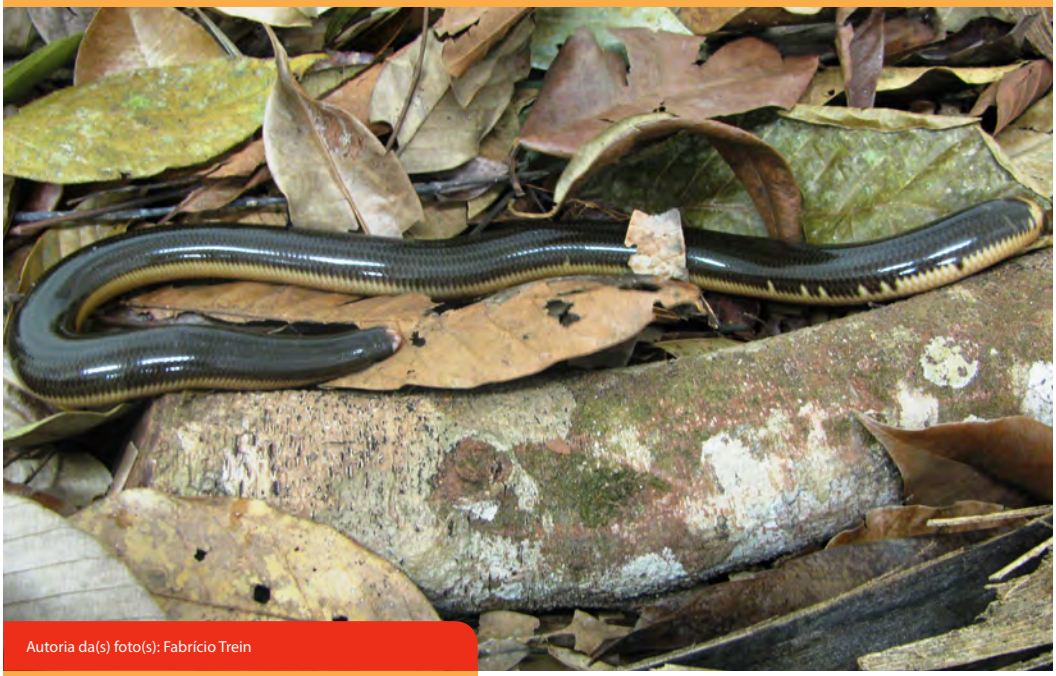
Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CT)	18,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme primárias e secundárias, bordas de florestas, capoeiras, clareiras e áreas alteradas.
Hábito	Fossorial.
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein

Amerotyphlops reticulatus
(Linnaeus, 1758)

Cobra-cega

Tamanho máximo aproximado (CT) 52,5 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias e secundárias, bordas de florestas, capoeiras, clareiras e áreas alteradas.

Hábito Fossorial.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Paulo Bernarde



Anilius scytale
(Linnaeus, 1758)

Cobra-coral

Tamanho máximo aproximado (CT) fêmeas: 120,0 cm
machos: 82,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de florestas, capoeiras, clareiras e áreas alteradas.

Hábito Fossorial.

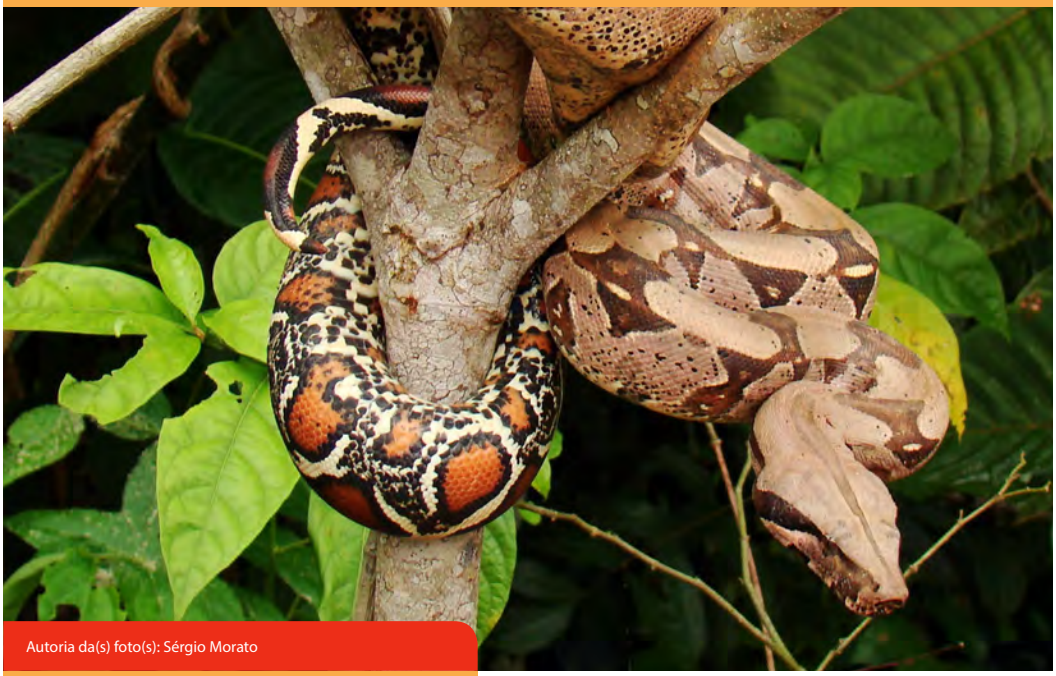
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Boa constrictor
Linnaeus, 1758

Jibóia

Tamanho máximo aproximado (CT) 4,5 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, bordas de floresta, campinaranas, capoeiras, áreas alteradas e áreas urbanas.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Lucas Mendes e Fabrício Trein





Corallus caninus
(Linnaeus, 1758)

Cobra-papagaio, papagaia

Tamanho máximo aproximado (CT) fêmeas: 2,0 m
machos: 1,5 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito Arborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Sérgio Morato

Corallus hortulanus
(Linnaeus, 1758)

Cobra-de-veado, jibóia-branca





Tamanho máximo aproximado (CT) 2,0 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e bordas de floresta.

Hábito Arborícola

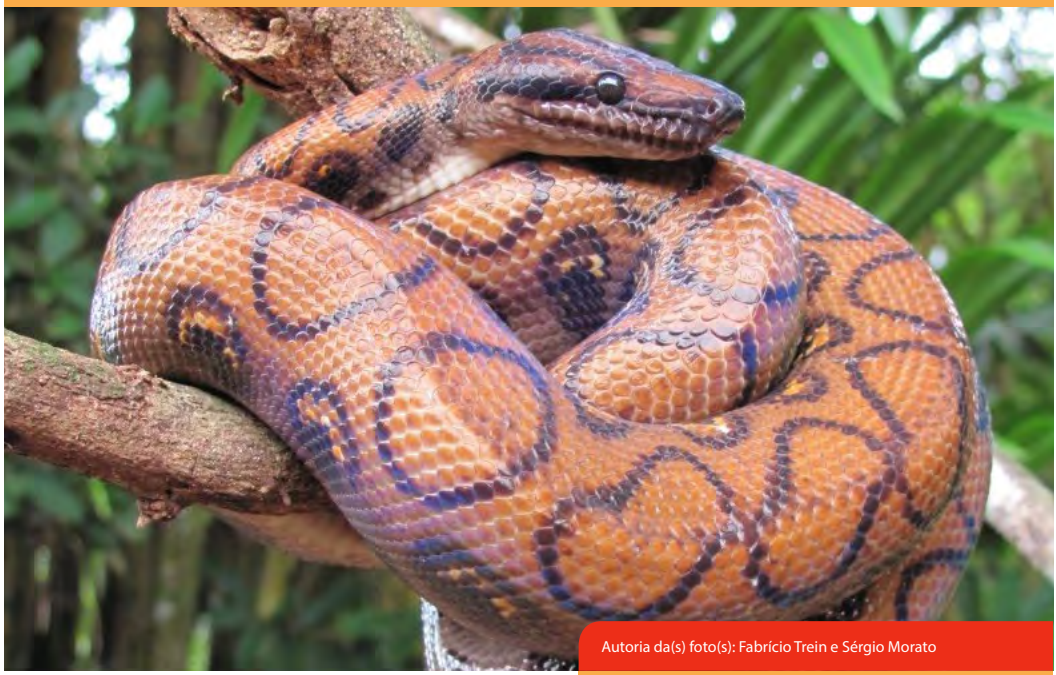
Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein e Sérgio Morato



Epicrates cenchria

(Linnaeus, 1758)

Salamanta, cobra-de-veado, jiboia-vermelha

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CT) 2,0 m

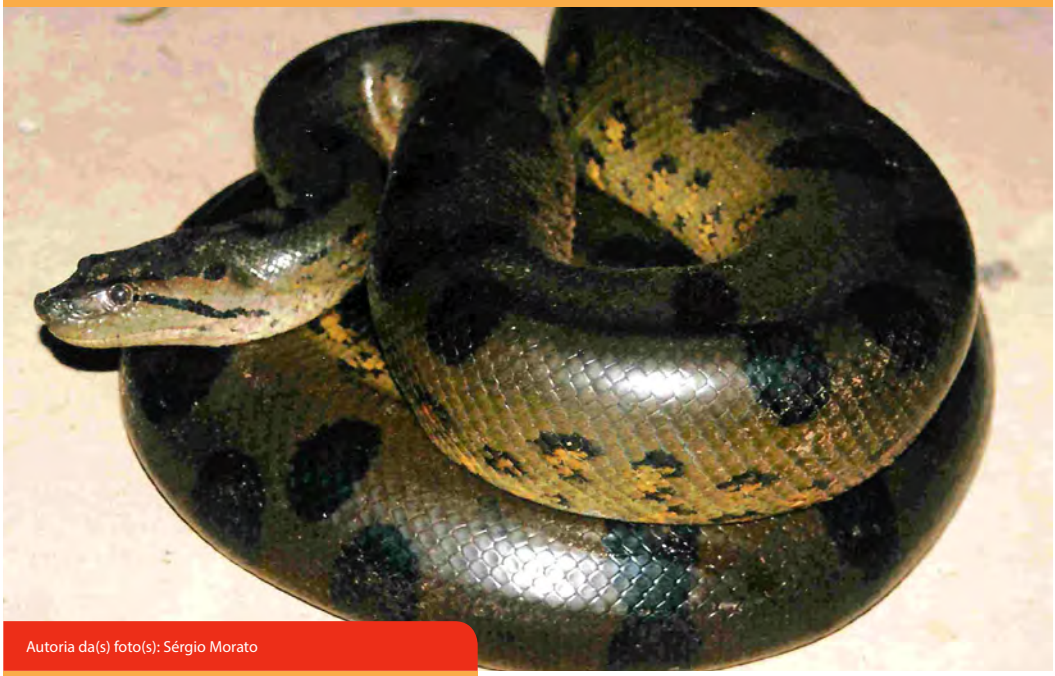
Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras e bordas de floresta.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Eunectes murinus
(Linnaeus, 1758)

Sucuri, sucuriju, anaconda (para indivíduos de grande porte)



Tamanho máximo aproximado (CT) 9,0 m. Há informações sobre a ocorrência de indivíduos com mais de 10 metros.

Habitat Igarapés, rios, lagos, florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e praias.

Hábito Aquática, podendo eventualmente ser encontrada em deslocamento no solo ou sobre a vegetação baixa da margem de cursos d'água.

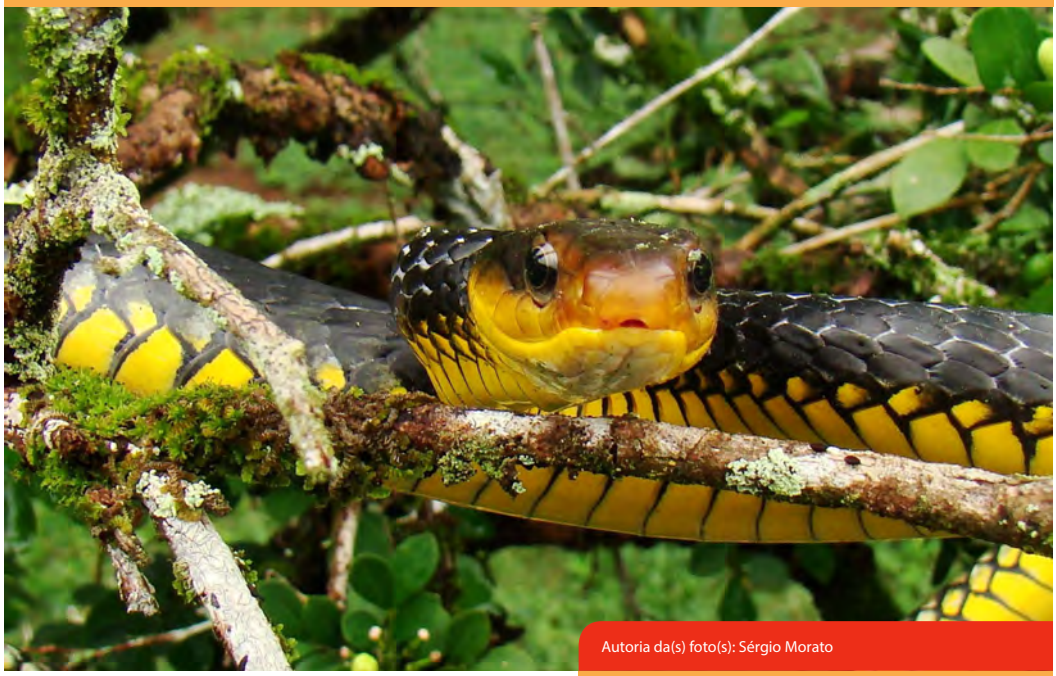
Atividade Noturna, mas pode se expor durante o dia para assoalhamento.

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato



Chironius carinatus
(Linnaeus, 1758)

Cobra-cipó, papa-pinto, papa-rato, rateira, caninana

Tamanho máximo aproximado (CT) 2,0 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de floresta, capoeiras e áreas alteradas.

Hábito Semiarborícola.

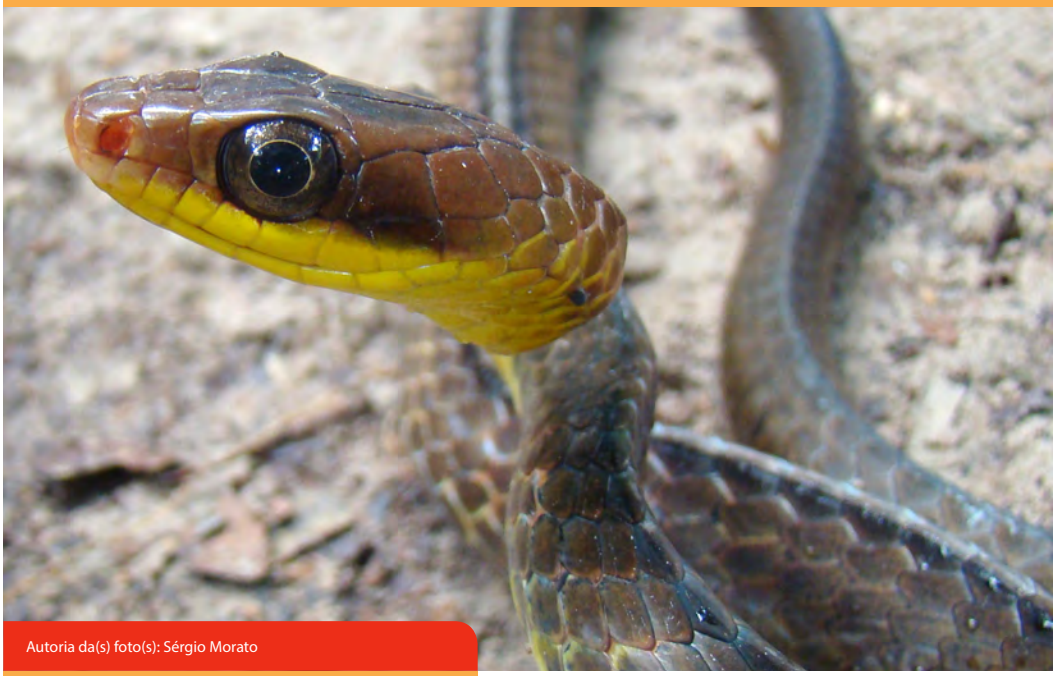
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Chironius exoletus
(Linnaeus, 1758)

Cobra-cipó, rateira

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,5 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de floresta e capoeiras.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Thiago Gomide



Chironius fuscus
(Linnaeus, 1758)

Cobra-cipó, surucucu-de-fogo

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,5 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias e bordas de floresta.

Hábito Semiarborícola.

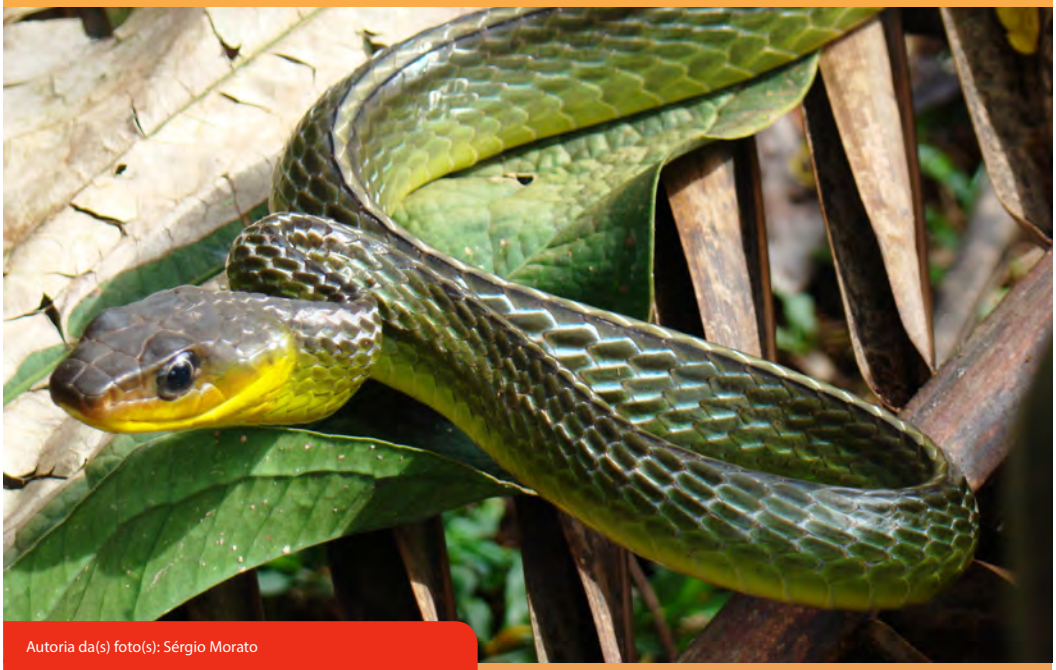
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Chironius multiventris
Schmidt & Walker, 1943

Cobra-cipó, cobra-verde

Tamanho máximo aproximado (CT) 2,7 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras e bordas de floresta.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

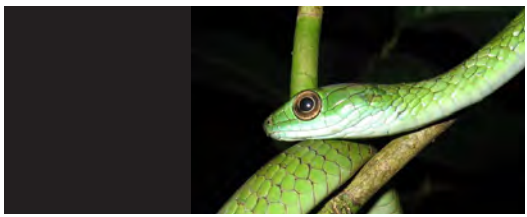
○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Paulo Bernardo



Chironius scurrulus
(Wagler, 1824)

Surucucu-de-fogo

Tamanho máximo aproximado (CT) 2,5 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras e bordas de floresta.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Fabrício Trein

Dendrophidion dendrophis
(Schlegel, 1837)

Cobra-cipó



Tamanho máximo aproximado (CT) 1,3 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras e bordas de floresta.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein

Drymarchon corais
(Boie, 1827)

papa-pinto, papa-rato, rateira, surucucu-dourado

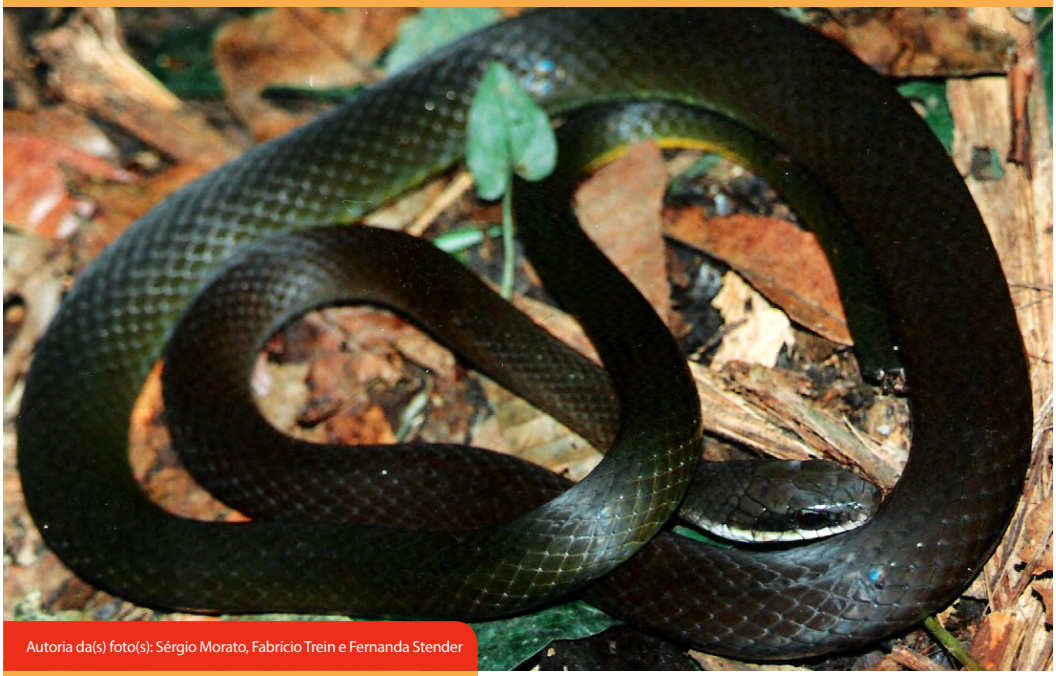
Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CT)	2,8 m
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de floresta, campinaranas e capoeiras.
Hábito	Predominantemente terrícola, podendo ser encontrada sobre a vegetação baixa.
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Fabrício Trein e Fernanda Stender

Drymoluber dichrous
(Peters, 1863)

Cobra-cipó, papa-rato, rateira, corredeira





Tamanho máximo aproximado (CT) 1,2 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de floresta, capoeiras e áreas alteradas.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Sérgio Morato





Leptophis ahaetulla
(Linnaeus, 1758)

Cobra-cipó

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,5 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de floresta, capoeiras e áreas alteradas.

Hábito Arborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Lucas Mendes e Fabrício Trein

Mastigodryas boddaerti
(Sentzen, 1796)

Surucucu-lisa, Corredeira, Rateira





Tamanho máximo aproximado (CT) 1,4 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de floresta, capoeiras e áreas alteradas.

Hábito Terrícola.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomide e Fabrício Trein





Oxybelis aeneus
(Wagler, 1824)

Cobra-cipó, bicuda

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,7 m. O maior CT registrado para as fêmeas foi 2 m e nos machos 1,36 m; o menor 37,4 cm.

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias e bordas de floresta.

Hábito Arborícola.

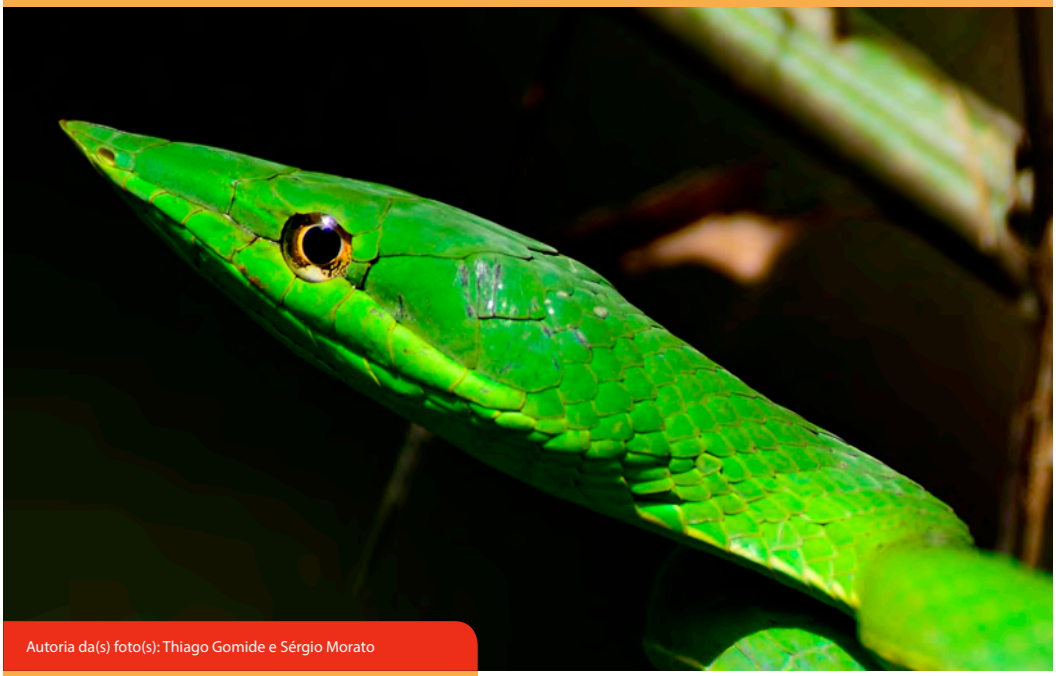
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomide e Sérgio Morato

Oxybelis fulgidus
(Daudin, 1803)

Cobra-cipó, cobra-verde, bicuda, cobra-papagaio



Tamanho máximo aproximado (CT) 2,0 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras e áreas alteradas.

Hábito Arborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes, Sérgio Morato e Fabrício Trein





Phrynonax poecilonotus
(Günther, 1858)

Cobra-Cipó, Papa-Pinto, Papa-Rato, Rateira

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,8 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Viviane Sodré e Fabrício Trein

Spilotes sulphureus
(Wagler, 1824)

Papa-Pinto, Papa-Rato, Rateira, Surucucu-de-Fogo, Surucucu-Dourado





Tamanho máximo aproximado (CT) 2,8 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de floresta, capoeiras e áreas alteradas.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Sérgio Morato





Rhinobothryum lentiginosum
(Scopoli, 1785)

Cobra-coral

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,6 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras e áreas alteradas.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência

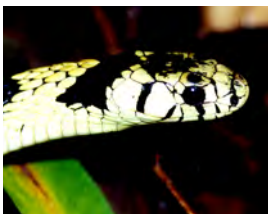


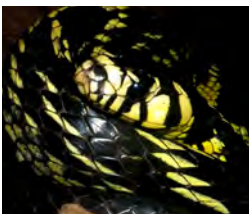


Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Sérgio Morato

Spilotes pullatus
(Linnaeus, 1758)

Caninana





Tamanho máximo aproximado (CT) 2,5 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, bordas de floresta, campinaranas, capoeiras e áreas alteradas.

Hábito Semiarborícola.

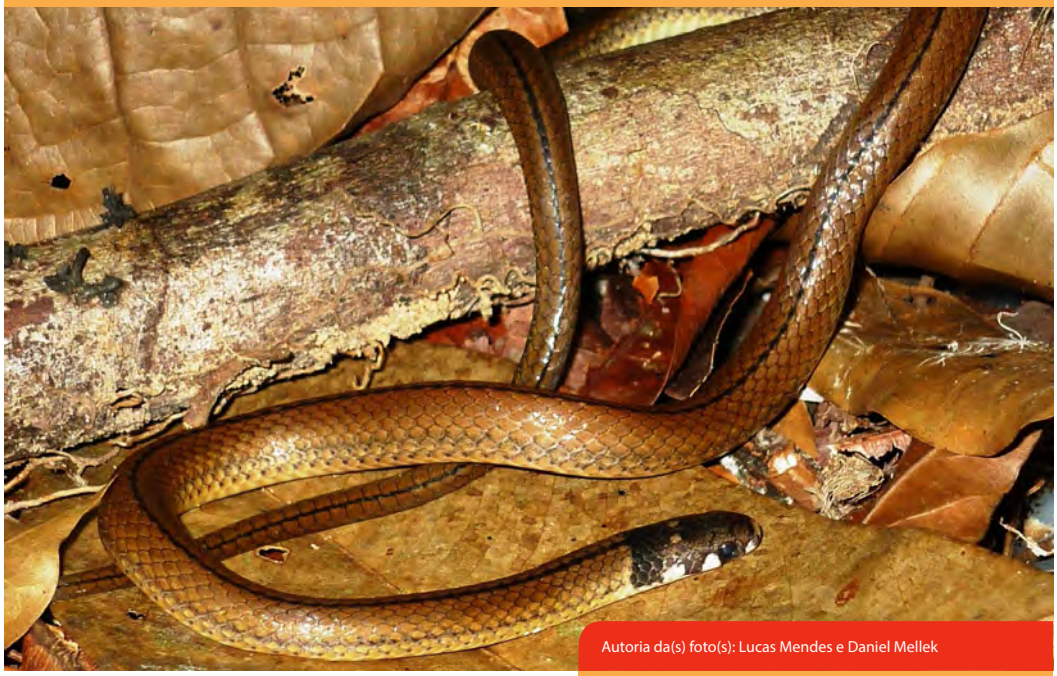
Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Daniel Mellek





Tantilla melanocephala
(Linnaeus, 1758)

Cobra-cega

Tamanho máximo aproximado (CT) 45,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Semifossorial, encontrada em meio à serapilheira ou no interior de galerias de cupins.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein

Apostolepis nigrolineata
(Peters, 1869)

Cobra-cega



Tamanho máximo aproximado (CT) 40,0 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias.

Hábito Semifossorial, encontrada em meio à serapilheira ou no interior de galerias de cupins.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Paulo Bernarde



Atractus major

Boulenger, 1894

Cobra-cega, cobra-coral

Tamanho máximo aproximado (CT) 75,0 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias e secundárias, clareiras e bordas de floresta.

Hábito Semifossorial.

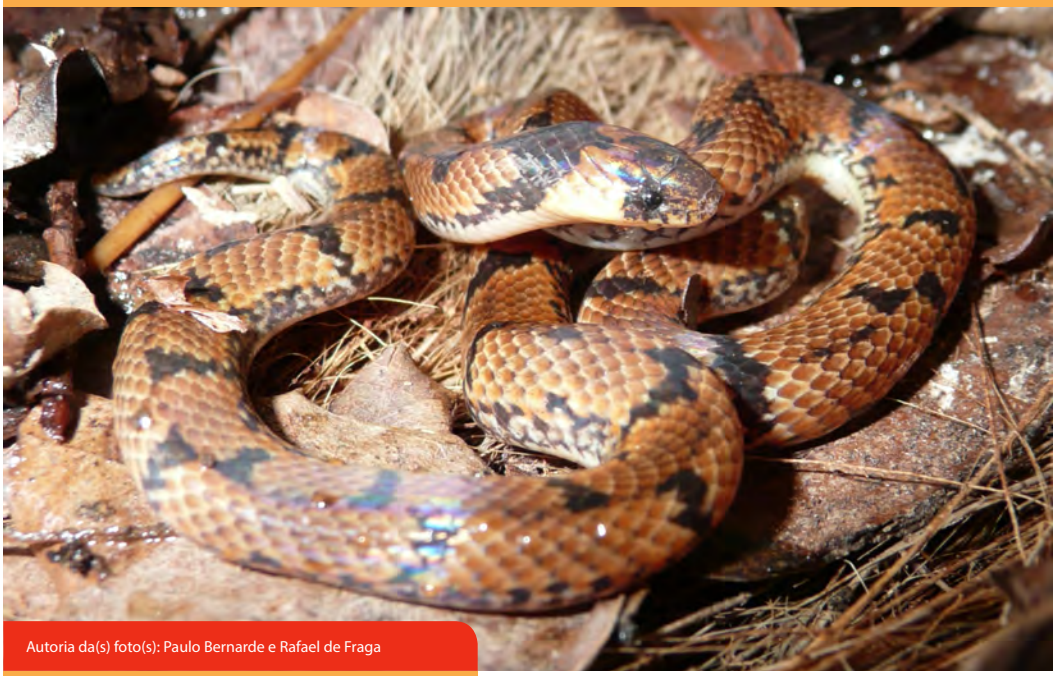
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Paulo Bernarde e Rafael de Fraga

Atractus schach
(Boie, 1827)

Cobra-cega





Tamanho máximo aproximado (CT) 42,0 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias e secundárias, clareiras e bordas de floresta.

Hábito Semifossorial.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Sérgio Morato





Atractus snethlageae

Cunha & Nascimento, 1983

Cobra-cega

Tamanho máximo aproximado (CT) 48,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e bordas de floresta.

Hábito Semifossorial.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein e Sérgio Morato

Atractus torquatus
(Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Cobra-cega, cobra-coral



Tamanho máximo aproximado (CT) 76,0 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias e secundárias, clareiras e bordas de floresta.

Hábito Semifossorial.

Atividade

Níveis de ameaça

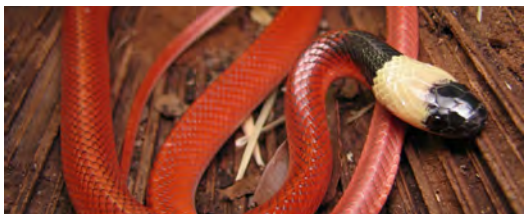
Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Paulo Bernarde e Guilherme Ferreira



Clelia clelia
(Daudin, 1803)

Cobra-preta, cobra-coral (filhote), muçurana

Tamanho máximo aproximado (CT) 2,5 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, capoeiras e bordas de floresta.

Hábito Terrícola.

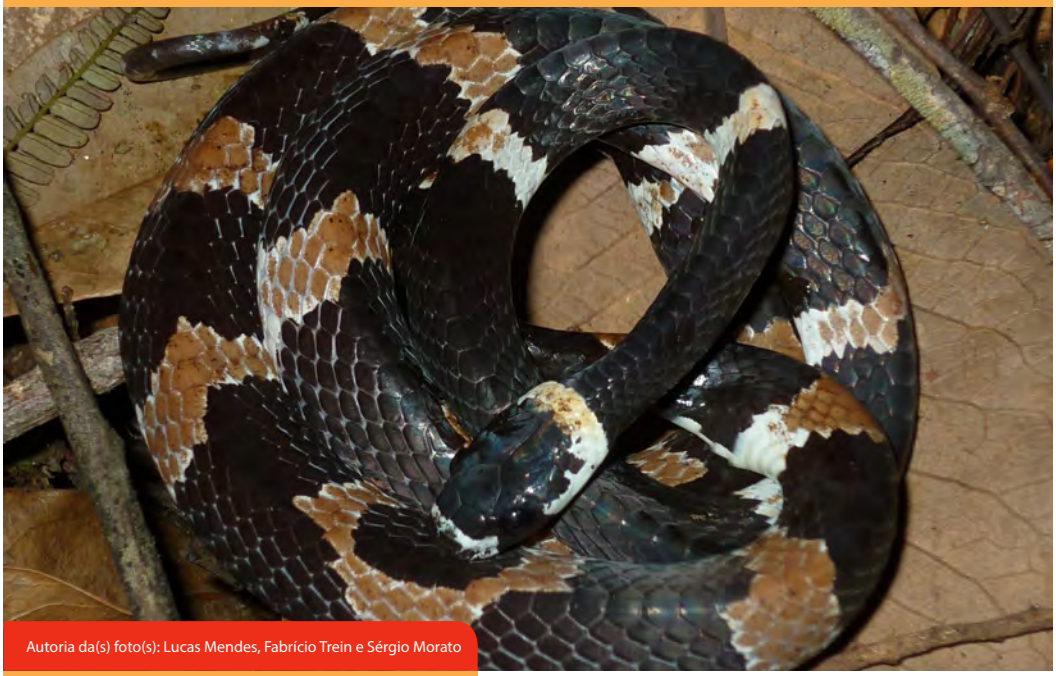
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes, Fabrício Trein e Sérgio Morato

Dipsas catesbyi
(Sentzen, 1796)

Dormideira, jararaca, surucucu





Tamanho máximo aproximado (CT) 70,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias e bordas de floresta.

Hábito Semifossorial.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Paulo Bernarde

Dipsas indica
Laurenti, 1768

Dormideira, jararaca, surucucu

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CT) 1,2 m

Habitat Florestas de terra firme primárias.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Paulo Bernarde

Drepanoides anomalus
(Jan, 1863)

Cobra-coral



Tamanho máximo aproximado (CT) 85,0 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias.

Hábito Terrícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Thiago Gomide e Fabrício Trein





Erythrolamprus aesculapii
(Linnaeus, 1766)

Cobra-coral

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,0 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, capoeiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Terrícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Guilherme Ferreira

Erythrolamprus pygmaeus
(Cope, 1868)

Não registrado

Tamanho máximo aproximado (CT) 23,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.

Hábito Terrícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Guilherme Ferreira e Fabrício Trein





Erythrolamprus reginae
(Linnaeus, 1758)

Não registrado

Tamanho máximo aproximado (CT) 82,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, campinaranas, capoeiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Terrícola.

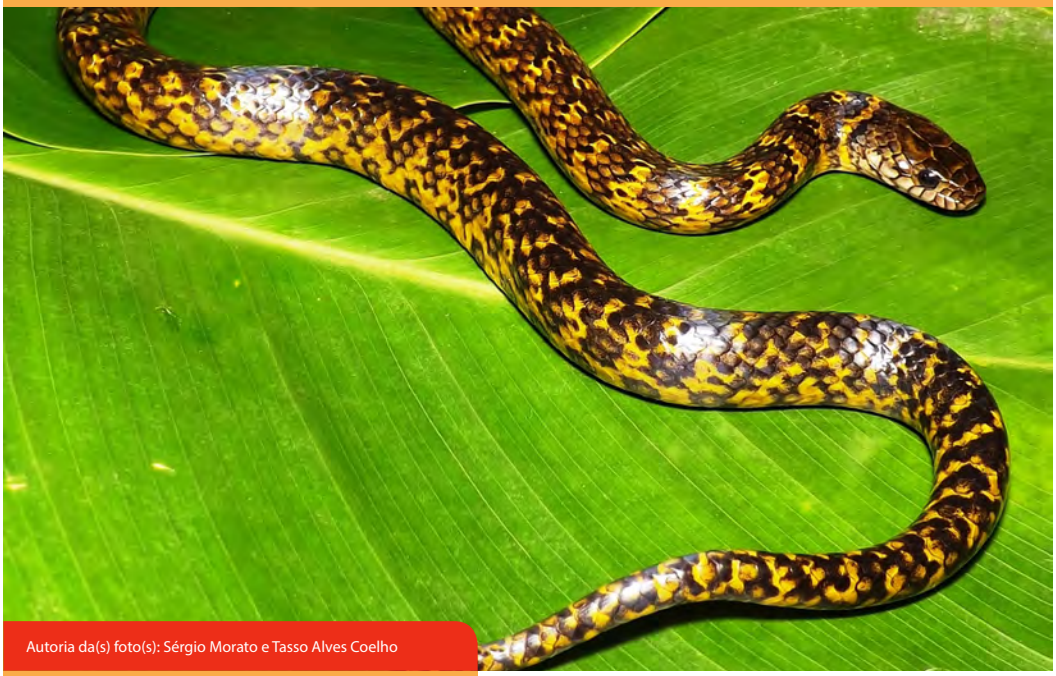
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Tasso Alves Coelho

Erythrolamprus taeniogaster
(Jan, 1863)

Cobra-d'água, surucucu-de-fogo, cobra-coral (filhote)





Tamanho máximo aproximado (CT) 72,0 cm

Habitat Florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, capoeiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Terrícola, podendo eventualmente ser encontrada dentro d'água.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Guilherme Ferreira





Erythrolamprus typhlus
(Linnaeus, 1758)

Cobra-verde, surucucu-de-fogo

Tamanho máximo aproximado (CT) 85,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, campinaranas, capoeiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Terrícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Helicops angulatus
(Linnaeus, 1758)

Cobra-d'água

Tamanho máximo aproximado (CT) 75,0 cm

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e lagos.

Hábito Aquático, sempre associado a ambientes lênticos.

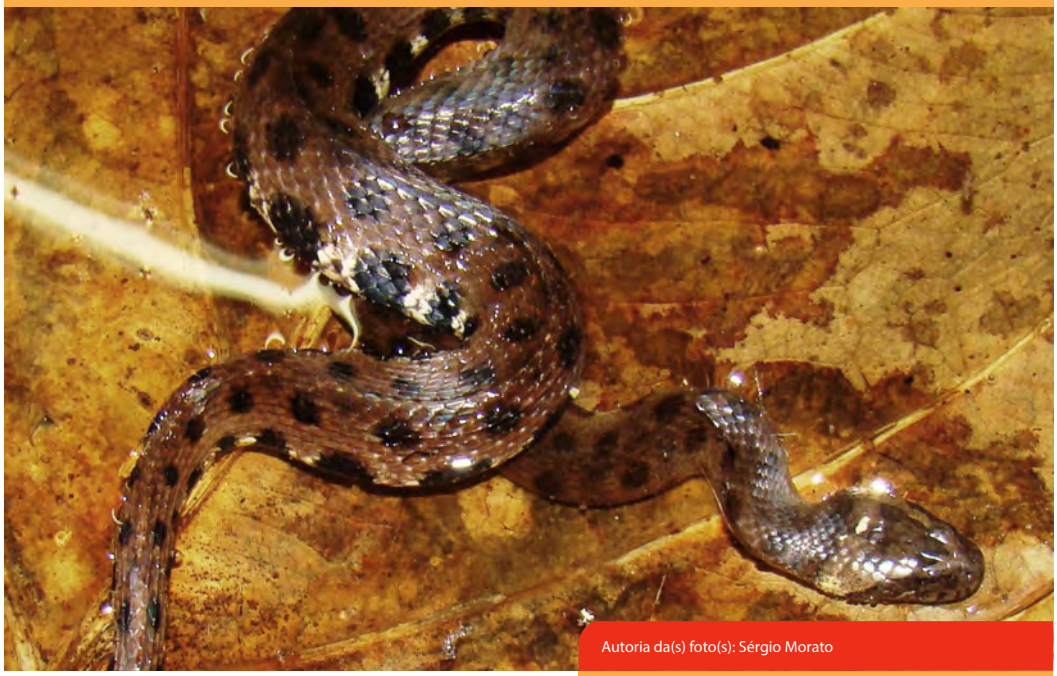
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Helicops leopardinus
(Schlegel, 1837)

Cobra-d'água

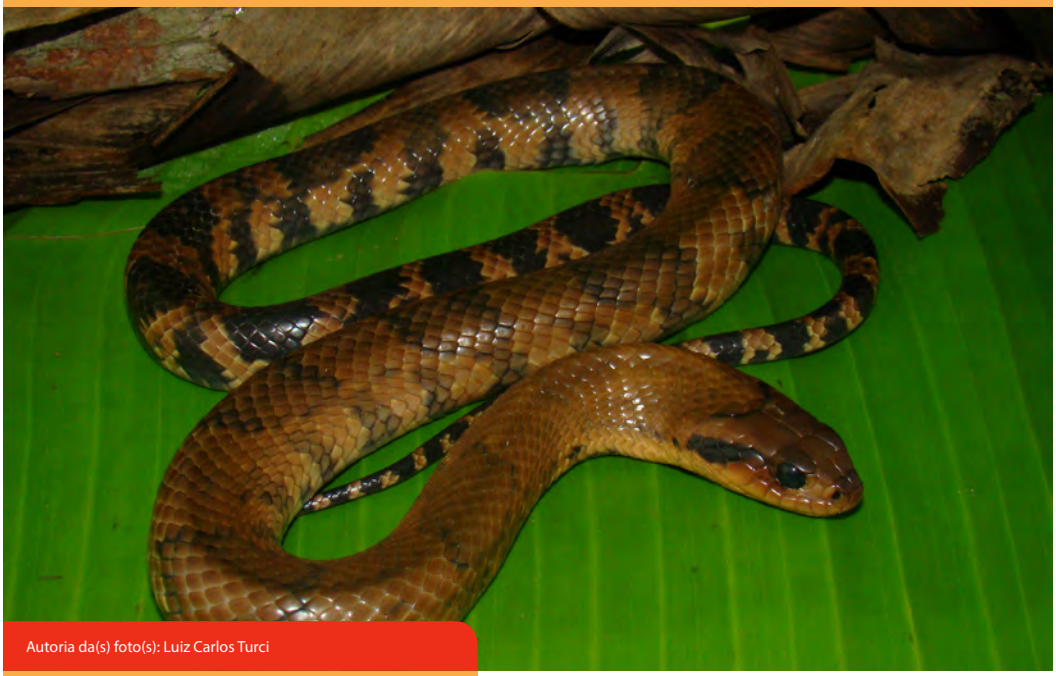
Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CT)	1,2 m
Habitat	Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, lagos e rios.
Hábito	Aquático.
Atividade	

Níveis de ameaça

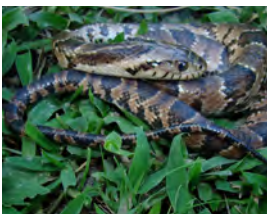
Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Luiz Carlos Turci

Hydrodynastes gigas
(Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Sucuri



Tamanho máximo aproximado (CT) 3,0 m

Habitat Lagos e grandes rios.

Hábito Aquático.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fernanda Stender e Sérgio Morato



Hydrops martii
(Wagler, 1824)

Cobra-d'água, coral-d'água

Tamanho máximo aproximado (CT) 60,0 cm

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e lagos.

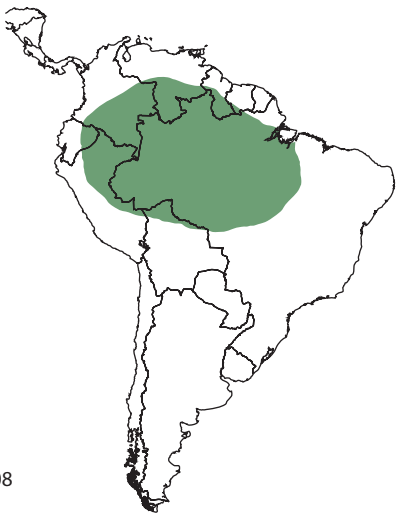
Hábito Aquático.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes

Imantodes cenchoa
(Linnaeus, 1758)

Cobra-cipó, dormideira, surucucu





Tamanho máximo aproximado (CT) 1,4 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias e bordas de floresta.

Hábito Arborícola, podendo eventualmente ser encontrada sobre o solo.

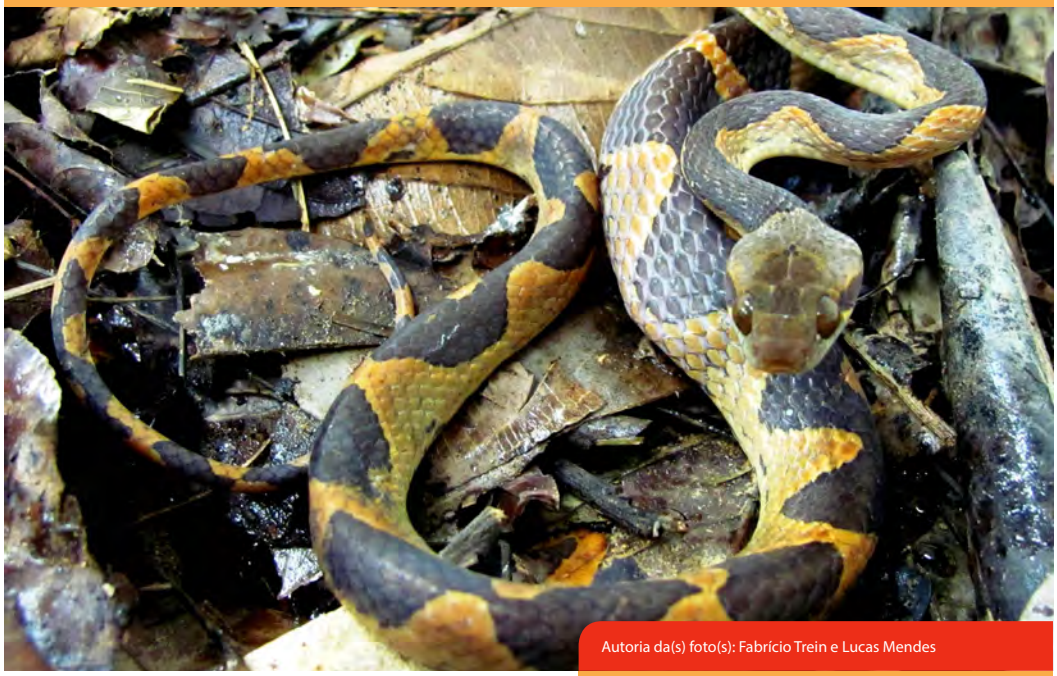
Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein e Lucas Mendes



Leptodeira annulata
(Linnaeus, 1758)

Dormideira, jararaca

Tamanho máximo aproximado (CT) 90,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, capoeiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein

Oxyrhopus occipitalis
Wagler in Spix, 1824

Cobra-coral

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,1 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, capoeiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Terrícola.

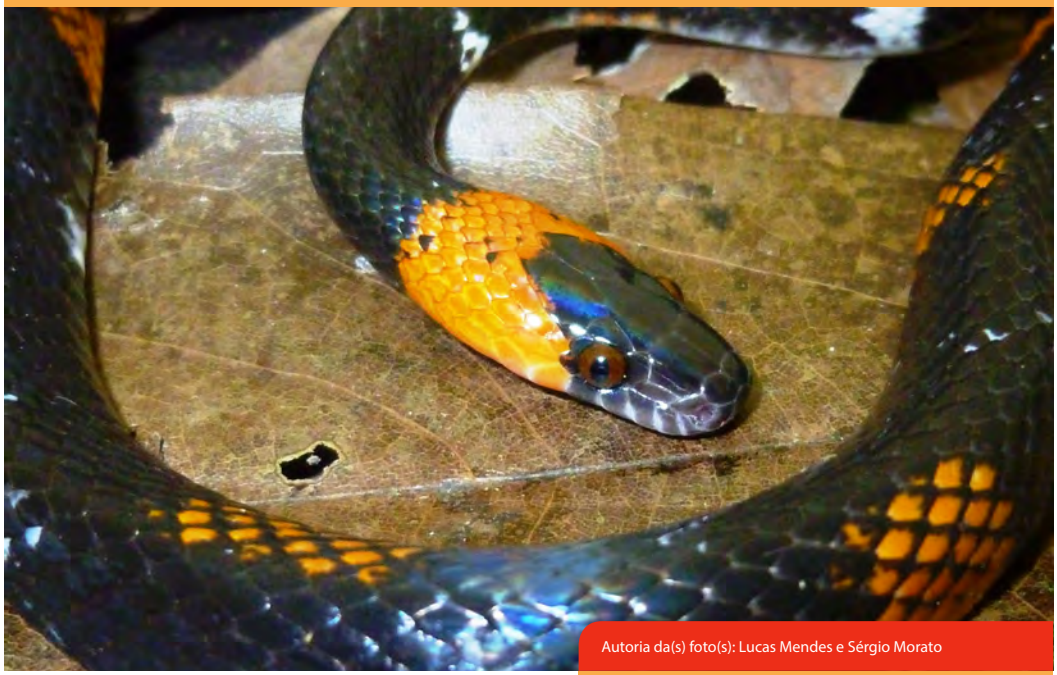
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Sérgio Morato





Oxyrhopus melanogenys
(Tschudi, 1845)

Cobra-coral

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,1 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Terrícola.

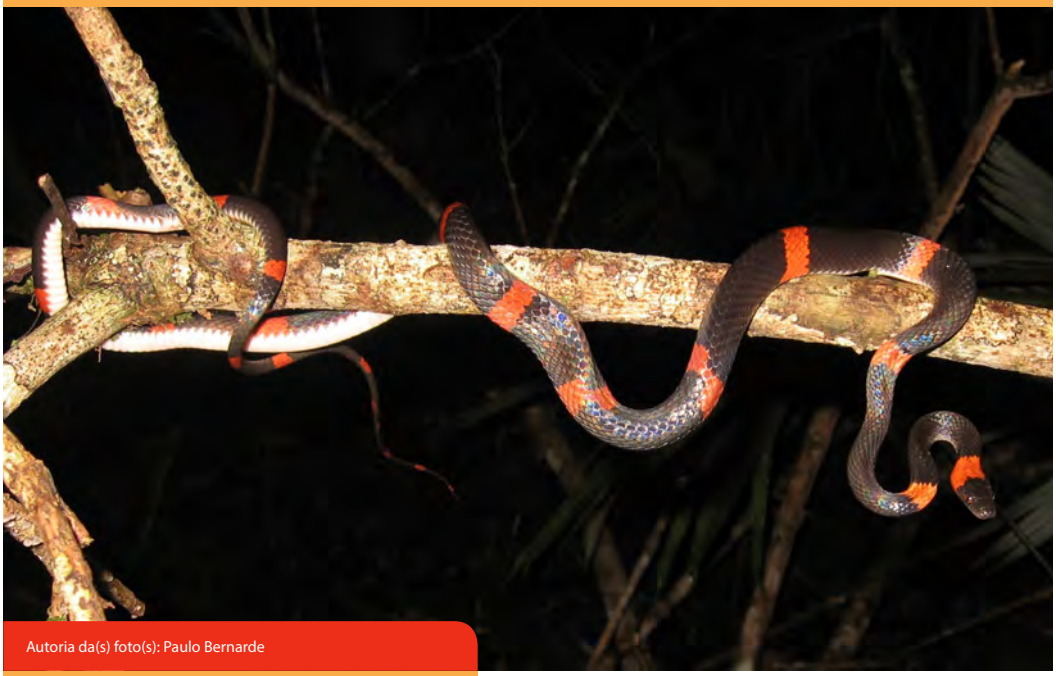
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Paulo Bernarde

Oxyrhopus petolarius
(Linnaeus, 1758)

Cobra-coral



Tamanho máximo aproximado (CT) 1,1 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, capoeiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Terrícola, porém pode eventualmente ser encontrado se deslocando nos estratos mais baixos da vegetação.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

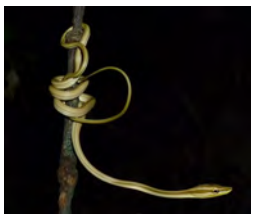
Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein, Fernanda Stender e Lucas Mendes





Philodryas argentea
(Daudin, 1803)

Cobra-cipó, bicuda

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,3 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias e bordas de floresta.

Hábito Arborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes, Thiago Gomide e Viviane Sodré

Philodryas viridissima
(Linnaeus, 1758)

Cobra-verde, cobra-papagaio





Tamanho máximo aproximado (CT) 85,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, capoeiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato



Pseudoboa coronata

Schneider, 1801

Cobra-coral

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,1 m

Habitat Florestas de terra firme primárias e secundárias e bordas de floresta.

Hábito Terrícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Rafael de Fraga

Pseudoboa martinsi

Zaher, Oliveira & Franco, 2008

Não registrado





Tamanho máximo aproximado (CT) 1,1 m

Habitat Florestas de terra firme primárias.

Hábito ?????

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein





Pseudoboa neuwiedii

(Duméril, Bibron & Duméril, 1854)

Cobra-coral

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,2 m

Habitat Florestas de terra firme primárias e secundárias e bordas de floresta.

Hábito Terrícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Pseudoeryx plicatilis
(Linnaeus, 1758)

Cobra-d'água, sucuri



Tamanho máximo aproximado (CT) 1,2 m

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias, igapós e lagos.

Hábito Aquático.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Thiago Gomide e Fernanda Stender





Siphlophis cervinus
(Laurenti, 1768)

Cobra-coral

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,1 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias e igapós.

Hábito Semiarborícola.

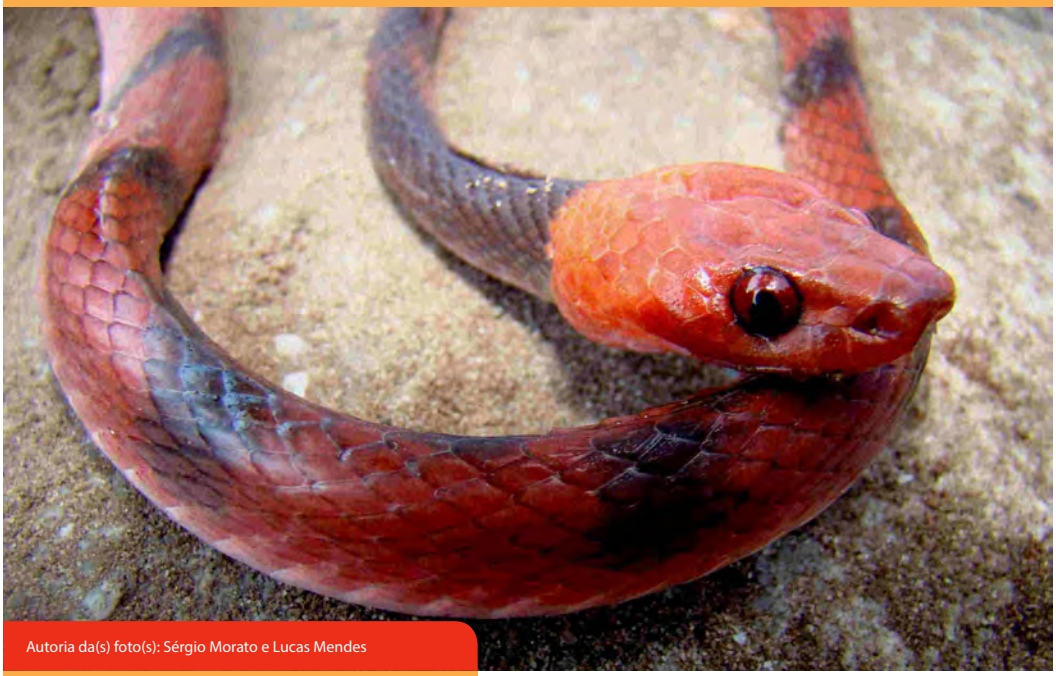
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes

Siphlophis compressus
(Daudin, 1803)

Cobra-coral





Tamanho máximo aproximado (CT) 1,5 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Semiarborícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Rafael de Fraga





Taeniophallus brevirostris
(Peters, 1863)

Nome popular não registrado

Tamanho máximo aproximado (CT) 40,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias, clareiras e bordas de floresta.

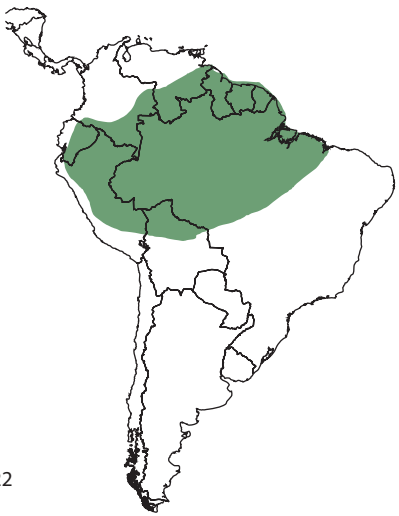
Hábito Terrícola.

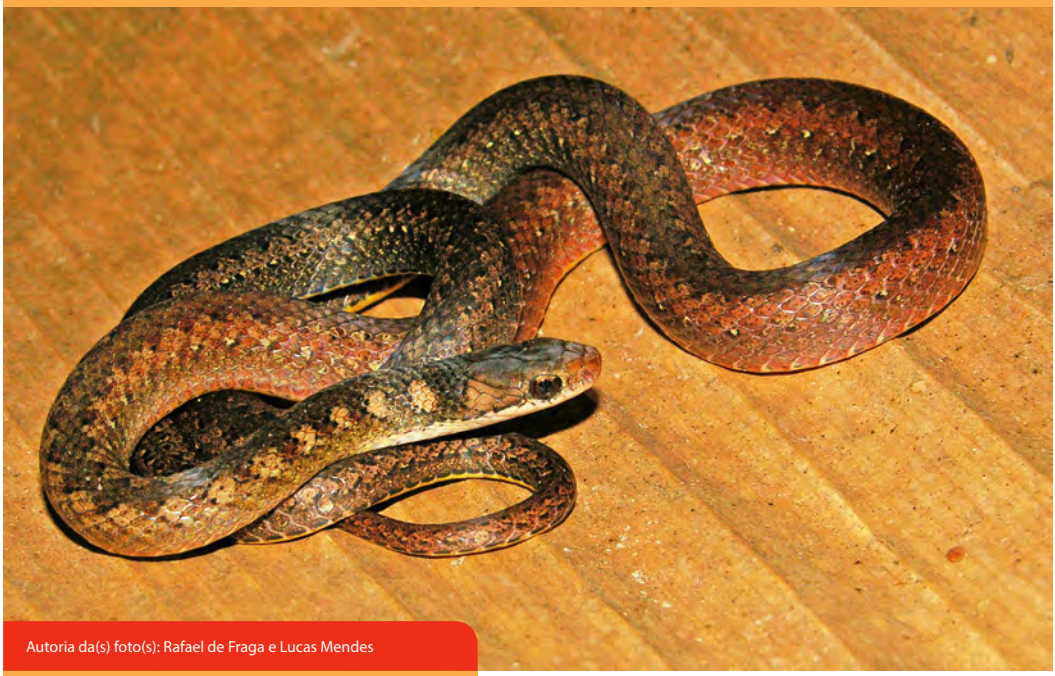
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Rafael de Fraga e Lucas Mendes

Taeniophallus nicagus
(Cope, 1895)

Nome popular não registrado





Tamanho máximo aproximado (CT) 46,5 cm

Habitat Florestas de terra firme primárias.

Hábito Terrícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Xenodon rabdocephalus
(Wied, 1824)

Jararaca, surucucu

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CT)	95,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras e bordas de floresta.
Hábito	Terrícola.
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein e Fernanda Stender

Micrurus averyi
Schmidt, 1939

Cobra-coral



Tamanho máximo aproximado (CT) 75,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.

Hábito Semifossorial.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes



Micrurus hemprichii
(Jan, 1858)

Cobra-coral

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,0 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras e bordas de floresta.

Hábito Semifossorial.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Paulo Bernarde

Micrurus lemniscatus
(Linnaeus, 1758)

Cobra-coral



Tamanho máximo aproximado (CT) 1,45 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, campinaranas, capoeiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Semifossorial.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Vinícius Carvalho

Micrurus spixii

Wagler, 1824

Cobra-coral

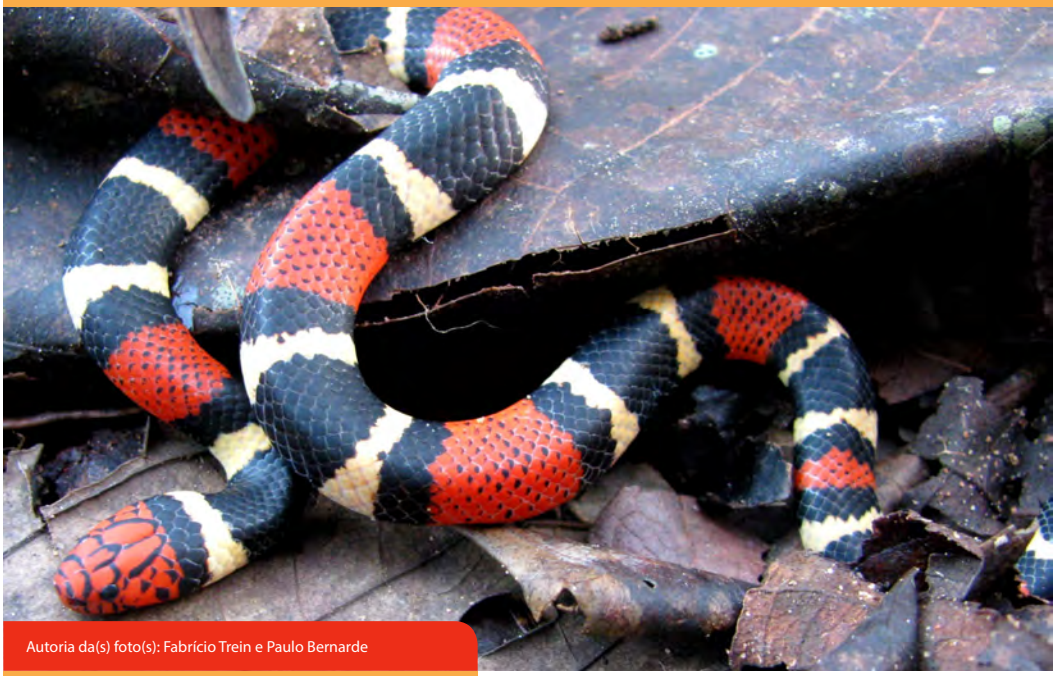
Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CT)	1,6 m
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, capoeiras, bordas de floresta e áreas alteradas.
Hábito	Semifossorial.
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein e Paulo Bernarde

Micrurus surinamensis
(Cuvier, 1817)

Cobra-coral, coral-d'água





Tamanho máximo aproximado (CT) 1,3 m

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias e igapós.

Hábito Semiaquático.

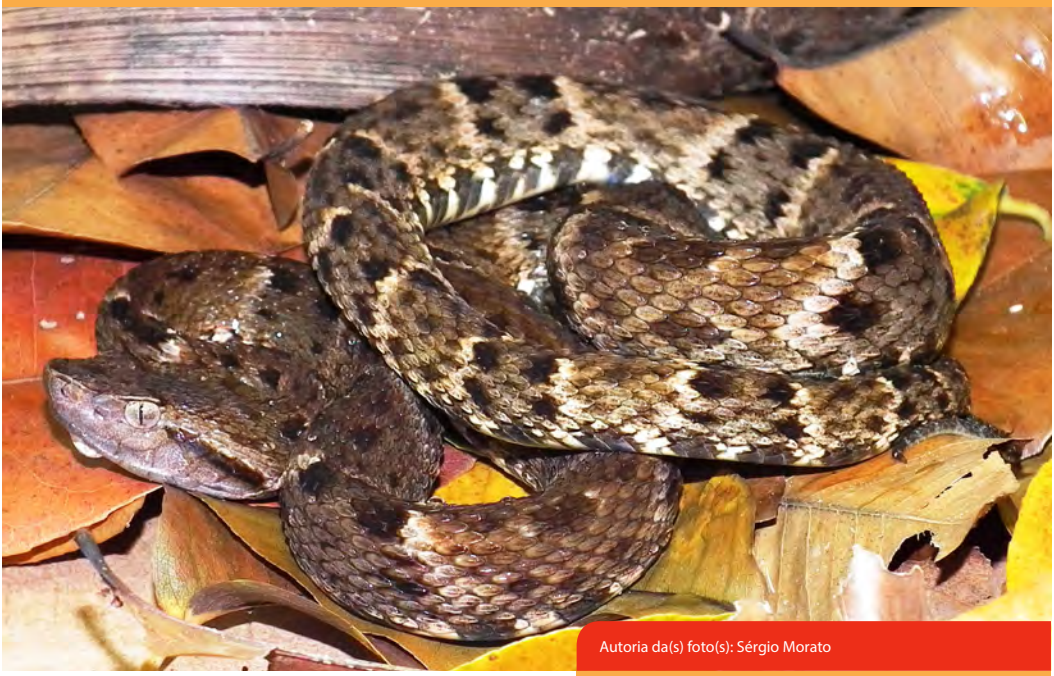
Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato





Bothrops atrox
(Linnaeus, 1758)

Jararaca, surucucu

Tamanho máximo aproximado (CT) 1,2 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, clareiras, campinaranas, capoeiras, bordas de floresta, áreas alteradas e áreas urbanas.

Hábito Terrícola.

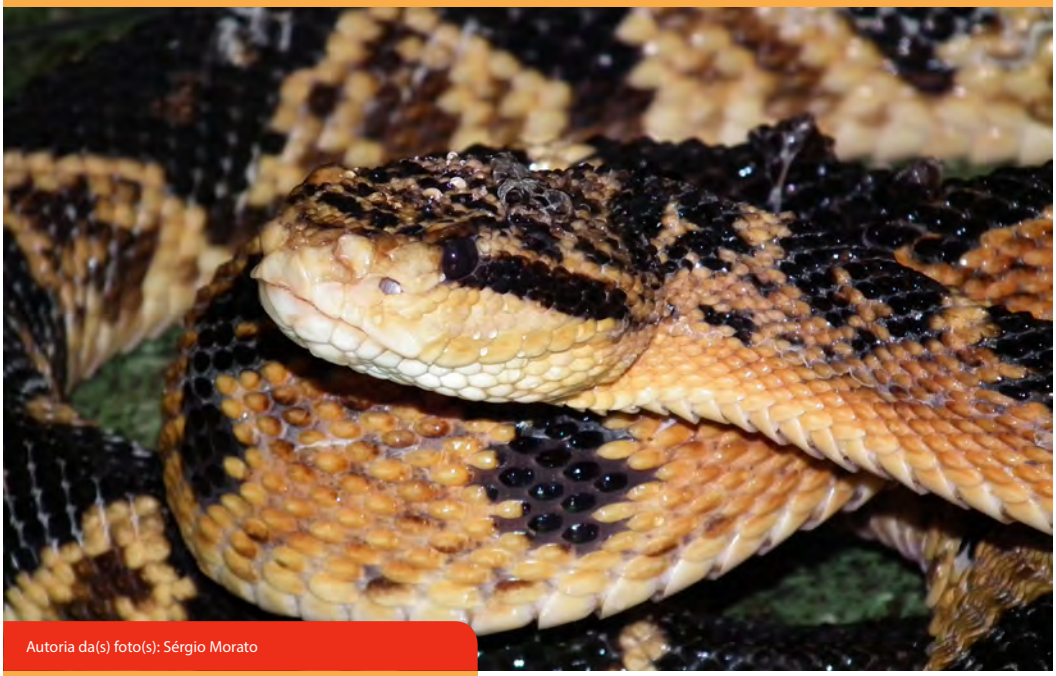
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Lachesis muta
(Linnaeus, 1766)

Pico-de-jaca

Tamanho máximo aproximado (CT) 3,6 m

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e bordas de floresta.

Hábito Terrícola.

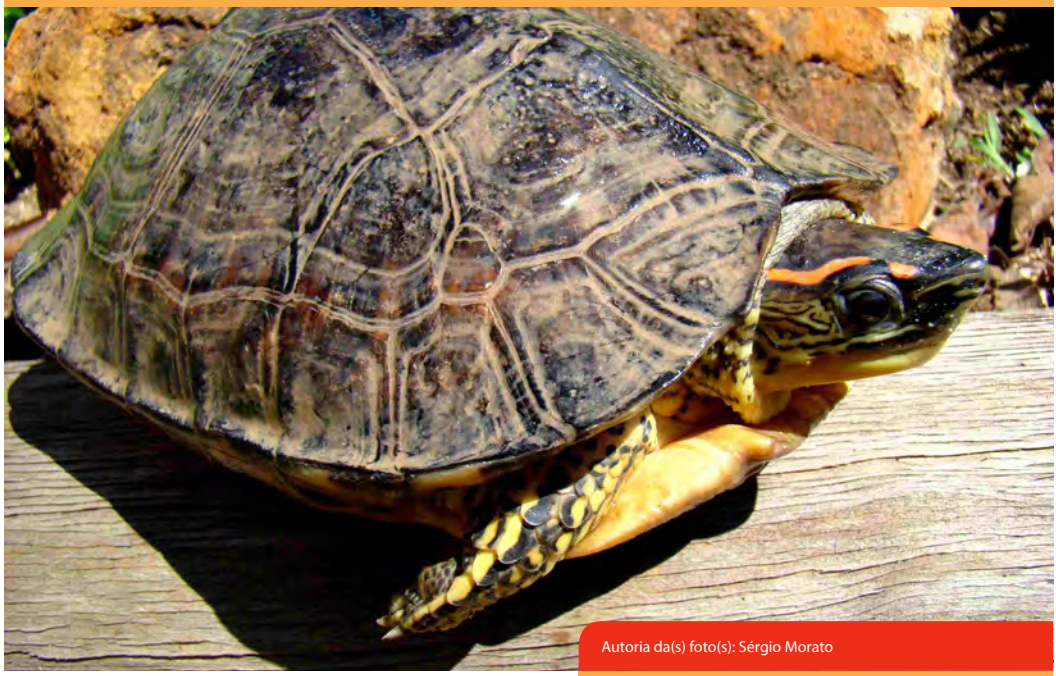
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Rhinoclemmys punctularia
(Daudin, 1801)

Perema

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CCa)	26,0 cm
Habitat	Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, rios e lagos.
Hábito	Semiaquática. Em períodos chuvosos desloca-se por longas distâncias por terra, chegando a ocorrer no alto dos platôs.
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Chelonoidis carbonaria
(Spix, 1824)

Jabuti-vermelho, Jabuti-piranga

Tamanho máximo aproximado (CCa) 35,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras, campinaranas, capoeiras, bordas de floresta e áreas alteradas.

Hábito Terrícola.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Chelonoidis denticulata
(Linnaeus, 1766)

Jabuti-amarelo; Jabuti-tinga

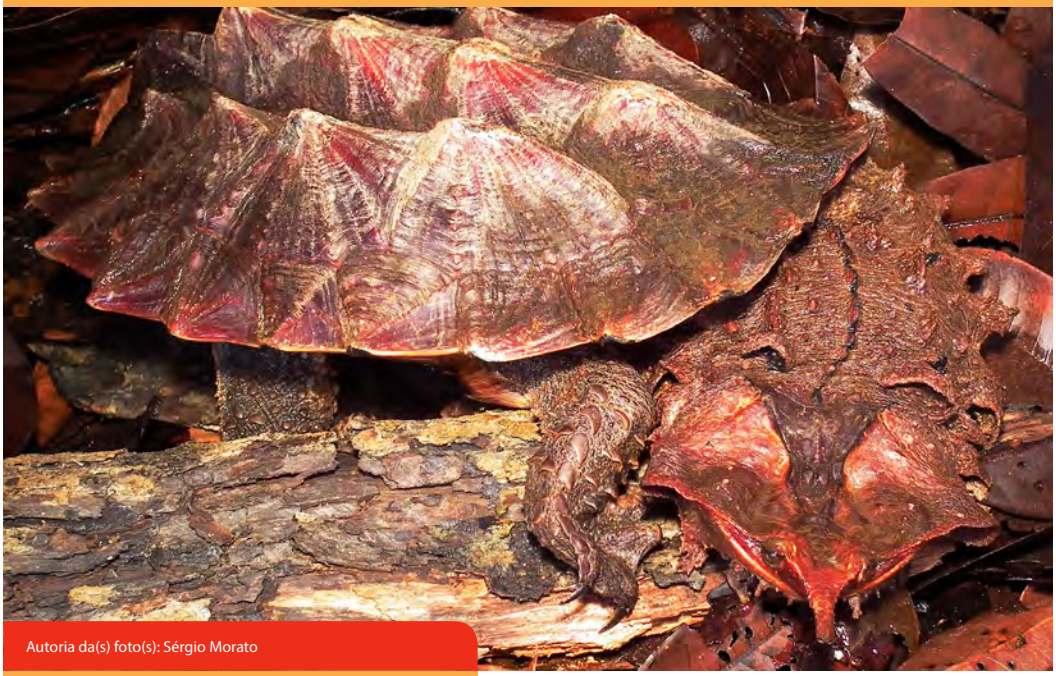
Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CCa)	45,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, clareiras e bordas de floresta.
Hábito	Terrícola.
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Chelus fimbriatus
(Schneider, 1783)

Matamatá

Tamanho máximo aproximado (CCa) 53,0 cm

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, rios e lagos.

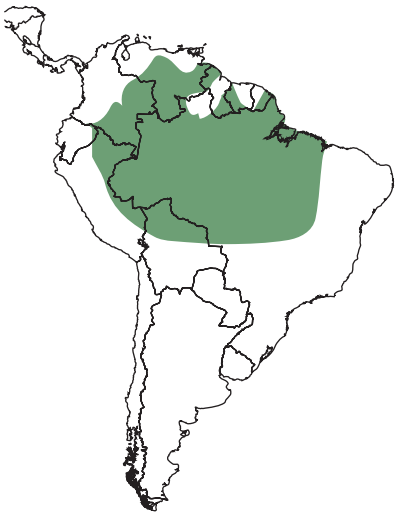
Hábito Aquático.

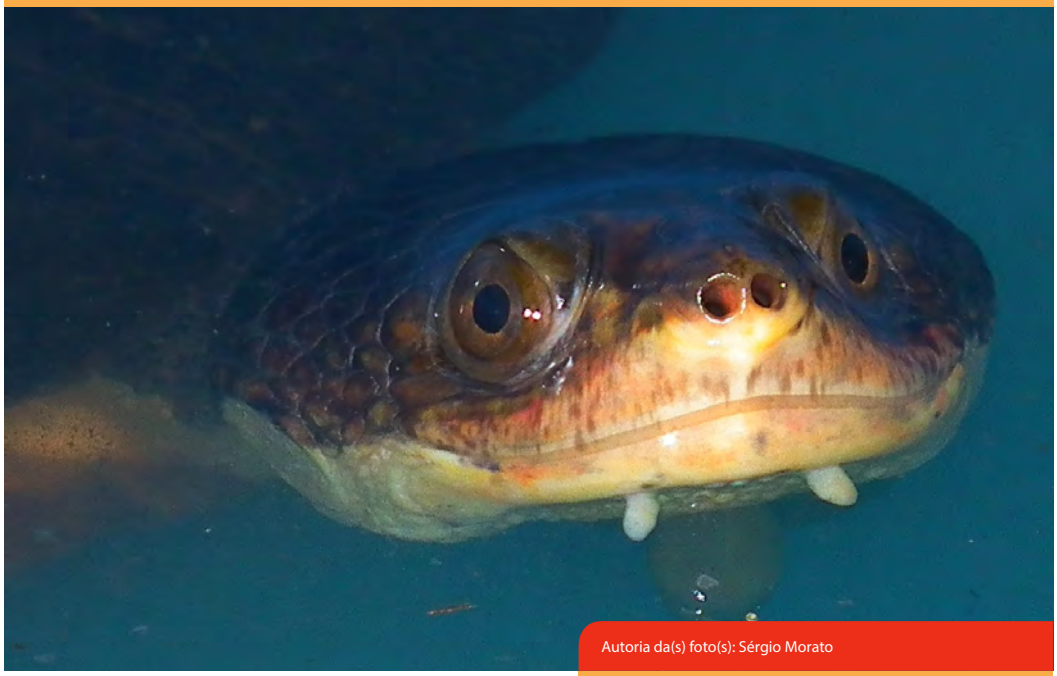
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato



Mesoclemmys gibba
(Schweigger, 1812)

Cágado

Tamanho máximo aproximado (CCa) 23,0 cm

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e lagos.

Hábito Aquático.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ○

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Mesoclemmys raniceps
(Gray, 1855)

Cágado-cabeça-de-sapo



Tamanho máximo aproximado (CCa) 33,0 cm

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e lagos.

Hábito Aquático.

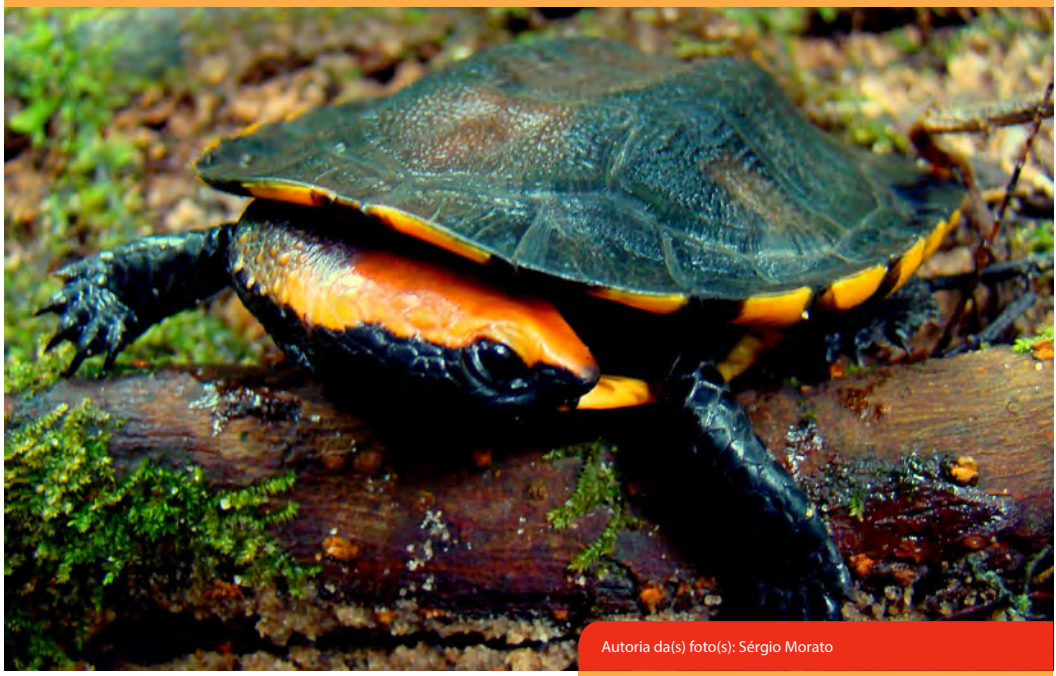
Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Platemys platycephala
(Schneider, 1792)

Jabuti-machado

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CCa) 18,0 cm

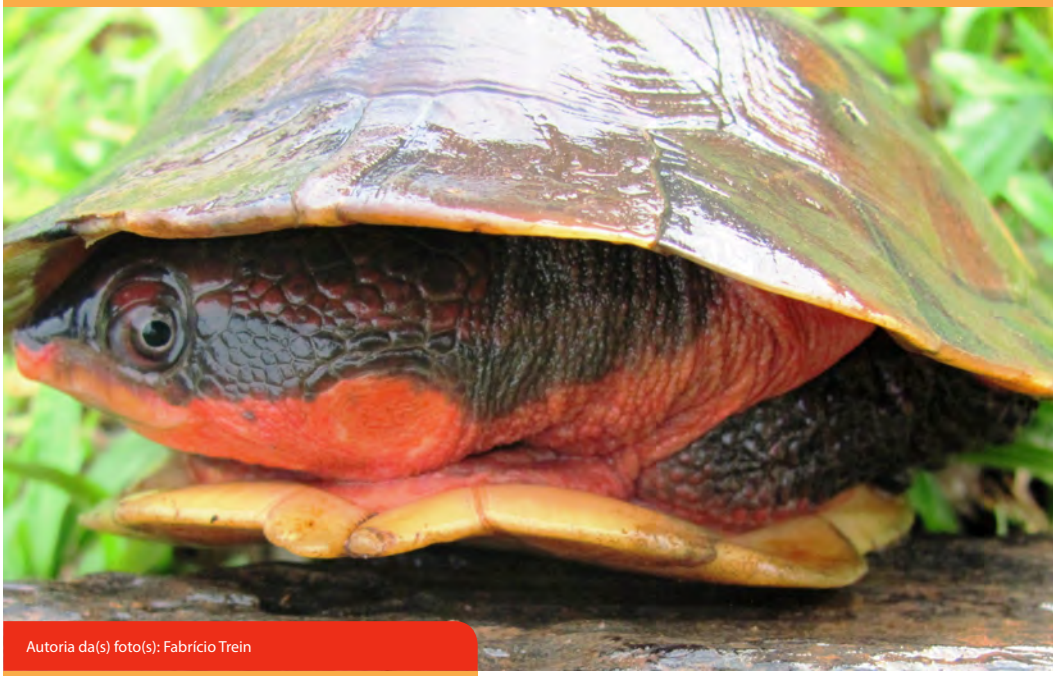
Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e lagos.

Hábito Semiaquático. Em períodos chuvosos pode ser encontrado deslocando-se em terra.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein

Rhinemys rufipes
(Spix, 1824)

Cágado-vermelho, Perema



Tamanho máximo aproximado (CCa) 27,0 cm

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias, igapós e rios.

Hábito Aquático.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Peltocephalus dumerilianus
(Schweigger, 1812)

Cabeçuda

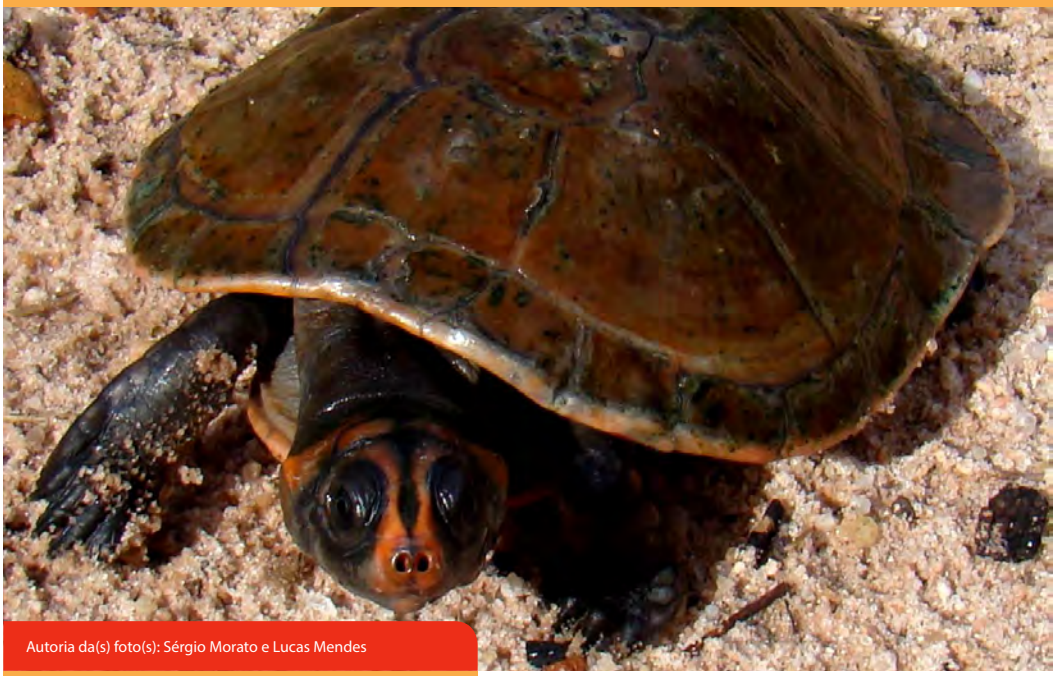
Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CCa)	45,0 cm
Habitat	Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e lagos.
Hábito	Aquático.
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes

Podocnemis erythrocephala
(Spix, 1824)

Irapuca



Tamanho máximo aproximado (CCa) 21,0 cm

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e pequenos lagos.

Hábito Aquático.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Sérgio Morato





Podocnemis expansa
(Schweigger, 1812)

Tartaruga-da-Amazônia

Tamanho máximo aproximado (CCa) 90,0 cm

Habitat Rios e lagos.

Hábito Aquático.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial ????? CO
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes

Podocnemis sextuberculata

Cornalia, 1849

Iaçá, Pitiú





Tamanho máximo aproximado (CCa) 31,0 cm

Habitat Rios e lagos.

Hábito Aquático.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes





Podocnemis unifilis

Troschel, 1848

Tracajá

Tamanho máximo aproximado (CCa) 42,0 cm

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, rios e lagos.

Hábito Aquático.

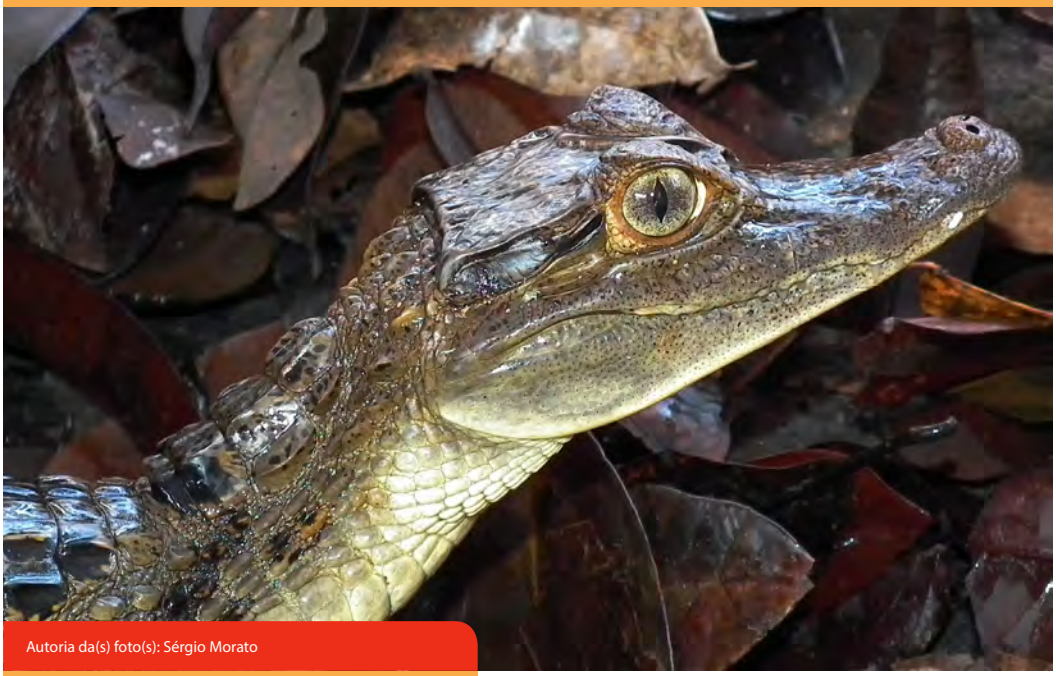
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Caiman crocodilus
(Linnaeus, 1758)

Jacaré-comum, jacaretinga, tinga

Tamanho máximo aproximado (CCa) 2,7 m

Habitat Igapós, rios e lagos.

Hábito Aquático.

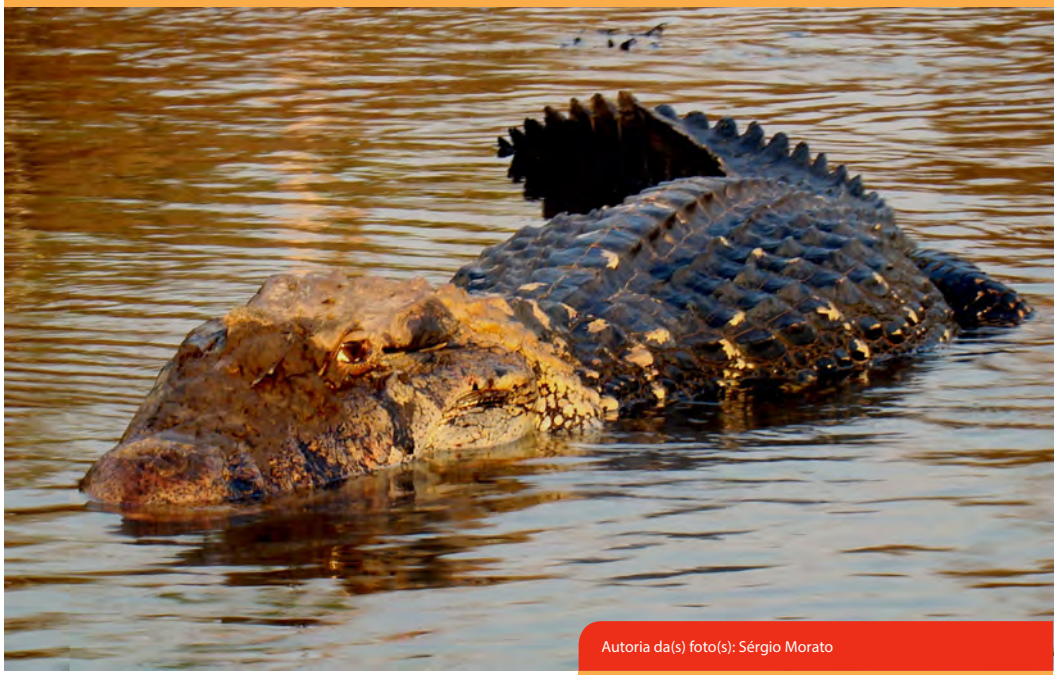
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato





Melanosuchus niger
(Spix, 1825)

Jacaré-açu, jacaré-negro

Tamanho máximo aproximado (CRC) 5,5 m

Habitat Rios e lagos.

Hábito Aquático.

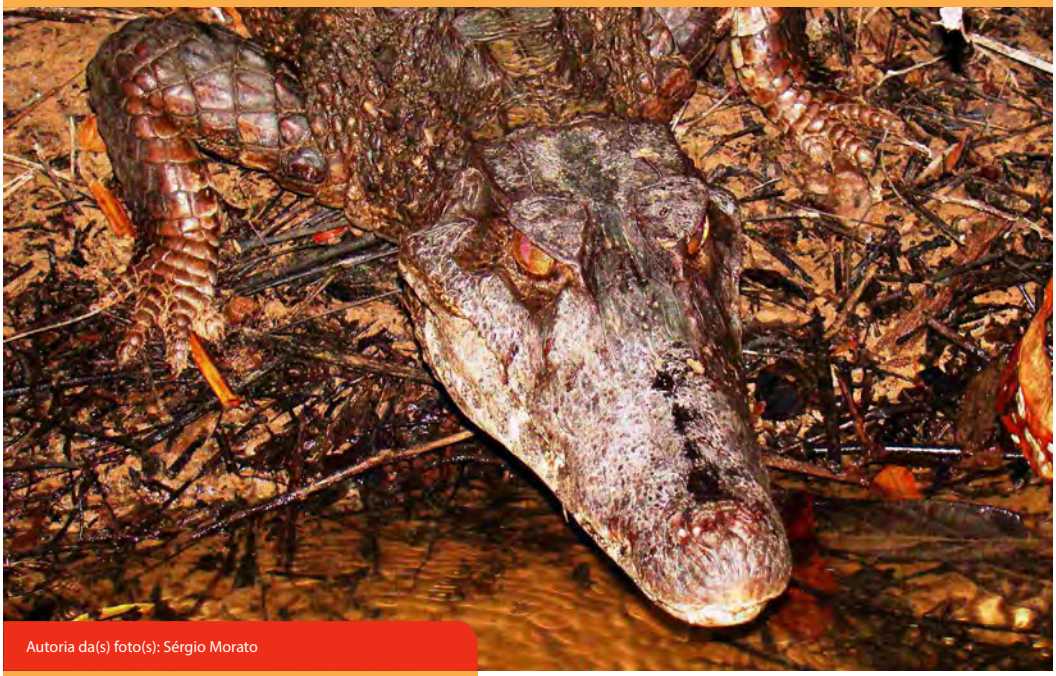
Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Paleosuchus palpebrosus
(Cuvier, 1807)

Jacaré-pedra, jacaré-vermelho





Tamanho máximo aproximado (CRC) 1,8 m

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias, igapós e lagos.

Hábito Semiaquático. Em períodos chuvosos desloca-se por longas distâncias por terra, chegando a ocorrer no alto dos platôs.

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato





Paleosuchus trigonatus
(Schneider, 1801)

Jacaré-pedra

Tamanho máximo aproximado (CRC) 1,7 m

Habitat Igarapés margeados por florestas aluviais primárias e secundárias e igapós.

Hábito Semiaquático. Em períodos chuvosos desloca-se por longas distâncias por terra, chegando a ocorrer no alto dos platôs.

Atividade

Níveis de ameaça

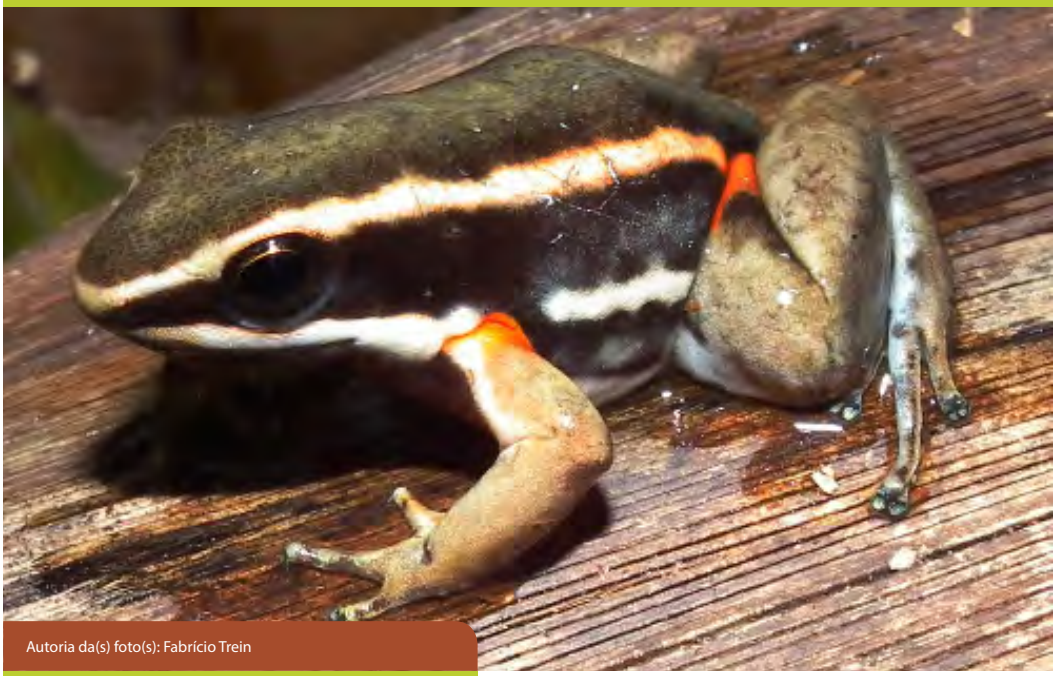
Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência



Os Anfíbios
da FLONA de Saracá-Taquera





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein

Allobates femoralis
(Boulenger, 1884 "1883")

Sapo-flecha, sapinho





Tamanho máximo aproximado (CRC)	3,5 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Allobates sp.

Sapinho

Tamanho máximo aproximado (CRC)	1,8 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Fabrício Trein e Lucas Mendes

Anomaloglossus cf. baeobatrachus
(Boiston & de Massari, 1999)

Sapinho





Tamanho máximo aproximado (CRC)	2,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Fabrício Trein



Amazophrynella minuta
(Melin, 1941)

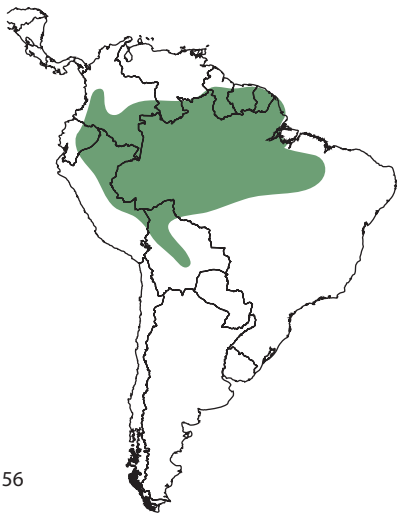
Sapinho

Tamanho máximo aproximado (CRC)	2,5 cm
Habitat	Florestas aluviais primárias e secundárias e bordas de floresta.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Rhaebo guttatus
(Schneider, 1799)

Sapo-amarelo

Tamanho máximo aproximado (CRC)	18,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Sérgio Morato





Rhinella margaritifera
(Laurenti, 1768)

Sapo-folha

Tamanho máximo aproximado (CRC)	8,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias e igapós.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Lucas Mendes e Fabrício Trein

Rhinella marina
(Linnaeus, 1758)

Sapo, cururu





Tamanho máximo aproximado (CRC) 25,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, igapós, banhados, várzeas, capoeiras, áreas alteradas e áreas urbanas.

Hábito Terrícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Rhinella mirandaribeiroi
(Gallardo, 1965)

Sapo

Tamanho máximo aproximado (CRC) 7,5 cm

Habitat Bordas de floresta, igapós, banhados, várzeas, capoeiras, áreas alteradas e áreas urbanas.

Hábito Terrícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Vitreorana oyampiensis
(Lescure, 1975)

Perereca-verde



Tamanho máximo aproximado (CRC)	2,5 cm
Habitat	Florestas aluviais primárias em margens de igarapés.
Hábito	Arborícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes

Dendrobates tinctorius
(Cuvier, 1797)

Sapo-azul

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CRC)	5,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Dendropsophus leucophyllatus
(Beireis, 1783)

Perereca

Tamanho máximo aproximado (CRC)	4,4 cm
Habitat	Igapós, banhados, várzeas e vegetação aquática de lagos.
Hábito	Arborícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Paulo Bernarde

Dendropsophus marmoratus
(Laurenti, 1768)

Perereca

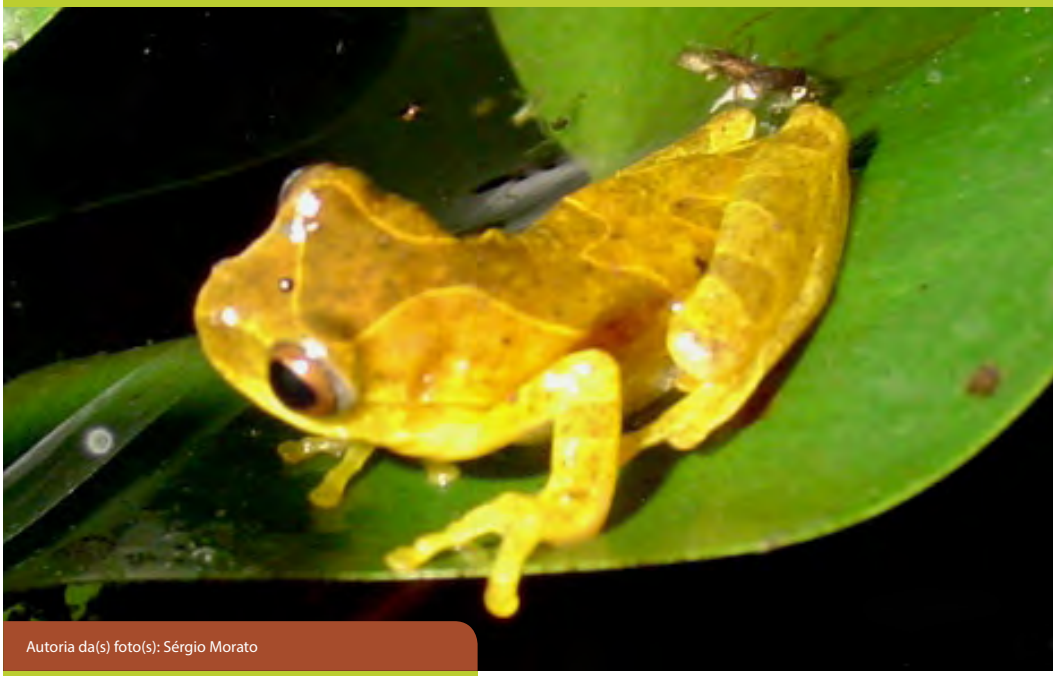
Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CRC)	5,6 cm
Habitat	Áreas úmidas no interior de florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.
Hábito	Arborícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Dendropsophus minutus
(Peters, 1872)

Perereca

Tamanho máximo aproximado (CRC)	2,4 cm
Habitat	Banhados, várzeas e áreas úmidas em bordas de floresta, capoeiras, áreas alteradas e áreas urbanas.
Hábito	Arborícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato





Hypsiboas boans
(Linnaeus, 1758)

Canoeiro

Tamanho máximo aproximado (CRC)	12,8 cm
Habitat	Florestas de terra firme e de florestas aluviais primárias e secundárias em bordas de lagos, rios e igarapés, igapós, banhados e várzeas.
Hábito	Semiarborícola, ocorrendo desde o solo até o estrato médio da vegetação.
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Fernanda Stender

Hypsiboas cinerascens
(Spix, 1824)

Perereca-verde, pererecа



Tamanho máximo aproximado (CRC) 3,7 cm

Habitat Florestas aluviais primárias e secundárias em bordas de lagos, rios e igarapés e igapós.

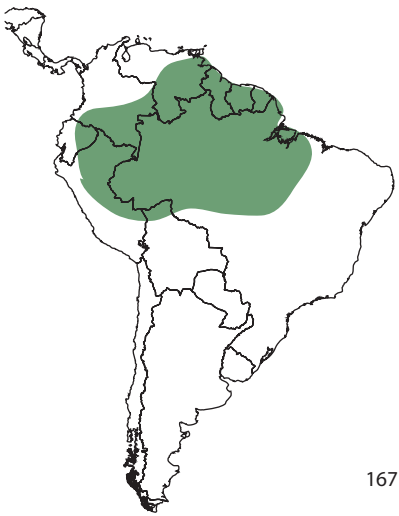
Hábito Arborícola

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ● Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Fernanda Stender





Hypsiboas geographicus
(Spix, 1824)

Perereca

Tamanho máximo aproximado (CRC)	8,3 cm
Habitat	Vegetação de borda de corpos d'água de florestas de terra firme e de florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, banhados, várzeas e vegetação marginal de lagos, rios e igarapés.
Hábito	Arborícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Viviane Sodré

Hypsiboas lanciformis
(Cope, 1871)

Perereca

Tamanho máximo aproximado (CRC) 8,5 cm

Habitat Igapós, banhados, várzeas e vegetação marginal de lagos, rios e igarapés.

Hábito Arborícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Hypsiboas ornatissimus
(Noble, 1924)

Perereca-verde, perereca-queimada

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CRC) 4,2 cm

Habitat Vegetação de borda de igarapés e banhados em florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.

Hábito Arborícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Hypsiboas raniceps
Cope, 1862

Perereca

Tamanho máximo aproximado (CRC)	5,7 cm
Habitat	Banhados, várzeas e vegetação aquática associada a rios e lagos.
Hábito	Semiarborícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomide

Hypsiboas wavrini
(Parker, 1936)

Perereca

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CRC)	11,3 cm
Habitat	Vegetação de borda de corpos d'água de florestas de terra firme e de florestas aluviais primárias e secundárias, igapós, banhados, várzeas e vegetação marginal de lagos, rios e igarapés.
Hábito	Arborícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●



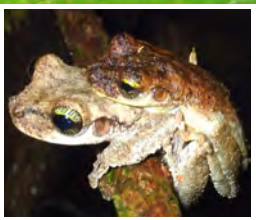
Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes

Osteocephalus oophagus

Jungfer & Schiesari, 1995

Perereca





Tamanho máximo aproximado (CRC)	5,7 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta.
Hábito	Arborícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato, Fabrício Trein e Lucas Mendes





Osteocephalus taurinus

Steindachner, 1862

Perereca

Tamanho máximo aproximado (CRC)	10,5 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta.
Hábito	Arborícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein e Thiago Gomide

Phyllomedusa bicolor
(Boddaert, 1772)

Perereca, pererecа-verde, cambô



Tamanho máximo aproximado (CRC) 12,0 cm

Habitat Áreas úmidas no interior de florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, igapós, banhados e várzeas.

Hábito Arborícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomide, Fabrício Trein e Lucas Mendes





Phyllomedusa tomopterna
(Cope, 1868)

Perereca, perereca-verde, perereca-tigre

Tamanho máximo aproximado (CRC) 6,0 cm

Habitat Áreas úmidas no interior de florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias e bordas de floresta.

Hábito Arborícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência



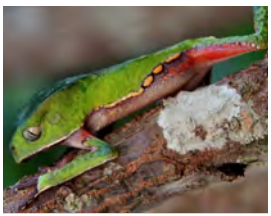


Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes, Thiago Gomide e Pedro Calixto

Phyllomedusa vaillantii

Boulenger, 1882

Perereca, pererecа-verde





Tamanho máximo aproximado (CRC) 8,5 cm

Habitat Áreas úmidas no interior de florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias e bordas de floresta.

Hábito Arborícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

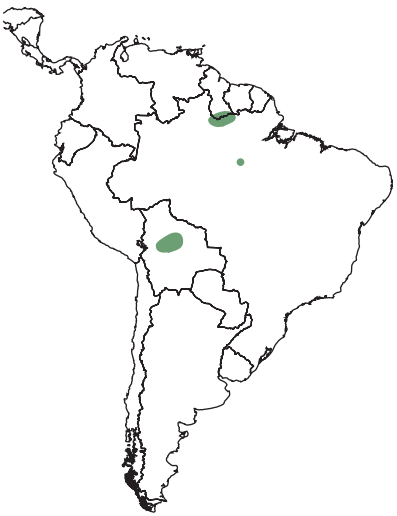
Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes

Área(s) de ocorrência



Pseudis laevis
Parker, 1935

Rã, jia

Tamanho máximo aproximado (CRC)	2,5 cm
Habitat	Vegetação aquática associada a rios e lagos.
Hábito	Semiaquático
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Scinax boesemani
(Goin, 1966)

Perereca

Tamanho máximo aproximado (CRC)	3,2 cm
Habitat	Áreas úmidas no interior de florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta e igapós.
Hábito	Semiarborícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Guilherme Ferreira

Área(s) de ocorrência



Scinax garbei
(Miranda-Ribeiro, 1926)

Perereca

Tamanho máximo aproximado (CRC)	4,8 cm
Habitat	Áreas úmidas no interior de florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta e igapós.
Hábito	Semiarborícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●



Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein

Scinax ruber
(Laurenti, 1768)

Perereca



Tamanho máximo aproximado (CRC) 4,2 cm

Habitat Áreas úmidas no interior de florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, igapós, banhados, várzeas e vegetação marginal a rios, lagos e igarapés.

Hábito Semiarborícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Área(s) de ocorrência



Sphaenorhynchus lacteus
(Daudin, 1800)

Perereca, pererecа-verde

Tamanho máximo aproximado (CRC)	4,6 cm
Habitat	Áreas úmidas em bordas de floresta, igapós, banhados, várzeas e vegetação aquática de rios e lagos.
Hábito	Semiarborícola
Atividade	

Níveis de ameaça

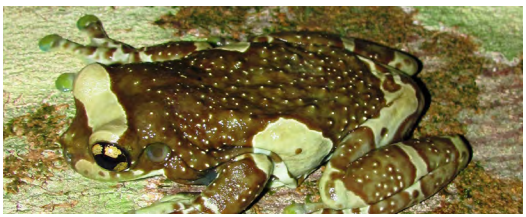
Estadual	Nacional	Mundial
○	○	◉



Autoria da(s) foto(s): Thiago Gomide e Fabrício Trein

Trachycephalus resinifictrix
(Goeldi, 1907)

Perereca, perereca-grudenta, rã-de-leite



Tamanho máximo aproximado (CRC) 9,0 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.

Hábito Arborícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Guilherme Ferreira

Trachycephalus typhonius
(Linnaeus, 1758)

Perereca, pereregra-grudenta, rã-de-leite

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CRC) 11,4 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.

Hábito Arborícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Sérgio Morato

Adenomera andreae
(Müller, 1923)

Rã, jia, sapinho



Tamanho máximo aproximado (CRC) 2,4 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras e igapós.

Hábito Terrícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Paulo Bernarde e Lucas Mendes



Adenomera hylaedactyla
(Cope, 1868)

Rã, jia, sapinho

Tamanho máximo aproximado (CRC) 2,7 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras e igapós.

Hábito Terrícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein

Leptodactylus fuscus
(Schneider, 1799)

Rã, jia

Tamanho máximo aproximado (CRC)	5,3 cm
Habitat	Áreas úmidas em bordas de floresta, banhados, várzeas, áreas alteradas e áreas urbanas.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Fabrício Trein



Leptodactylus knudseni
Heyer, 1972

Rã, jia

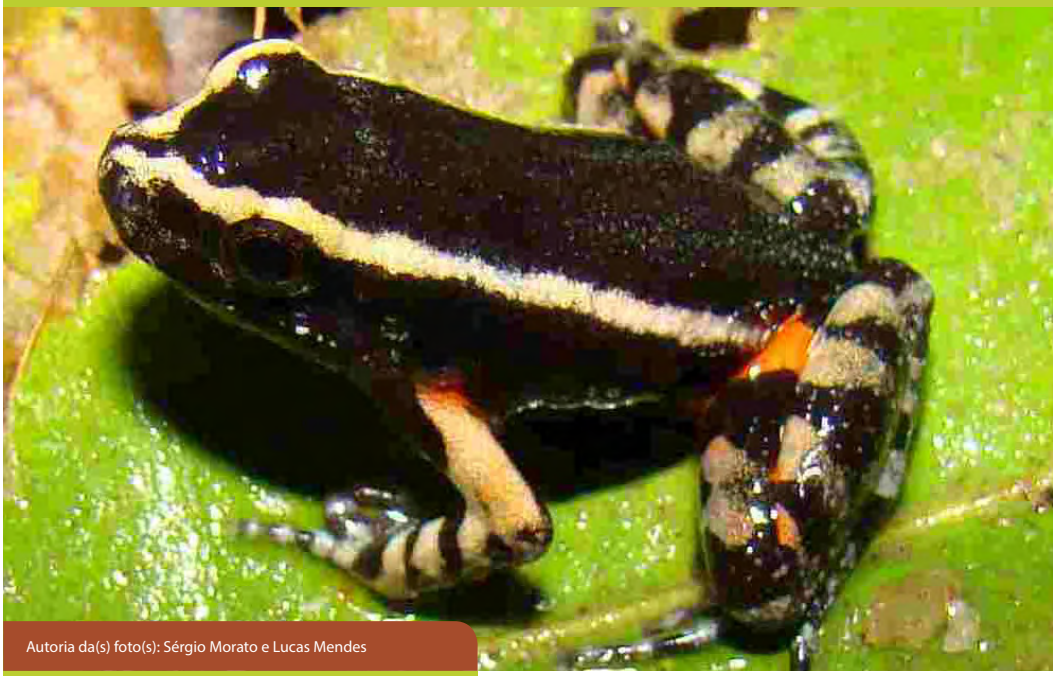
Tamanho máximo aproximado (CRC)	17,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias e igapós.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes

Leptodactylus lineatus
(Schneider, 1799)

Sapo-flecha, sapinho



Tamanho máximo aproximado (CRC)	5,6 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta e igapós.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes



Leptodactylus mystaceus
(Spix, 1824)

Rã, jia

Tamanho máximo aproximado (CRC)	6,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta e igapós.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes e Fabrício Trein

Leptodactylus pentadactylus
(Laurenti, 1768)

Rã, jia



Tamanho máximo aproximado (CRC) 18,2 cm

Habitat Áreas úmidas no interior de florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, igapós, banhados, várzeas e vegetação marginal a rios, lagos e igarapés.

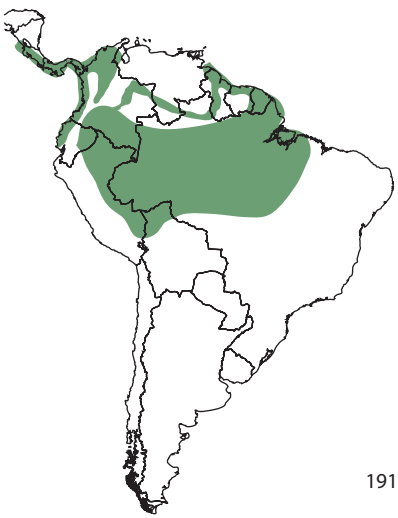
Hábito Terrícola

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ● Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes



Leptodactylus leptodactyloides
(Andersson, 1945)

Rã, jia

Tamanho máximo aproximado (CRC) 4,5 cm

Habitat Áreas úmidas no interior de florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, capoeiras, clareiras, campinaranas, igapós, banhados, várzeas, vegetação marginal a rios, lagos e igarapés e áreas aletaradas.

Hábito Terrícola

Atividade

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein e Sérgio Morato

Leptodactylus rhodomystax

Boulenger, 1884 "1883"

Rã, jia



Tamanho máximo aproximado (CRC) 8,5 cm

Habitat Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta e igapós.

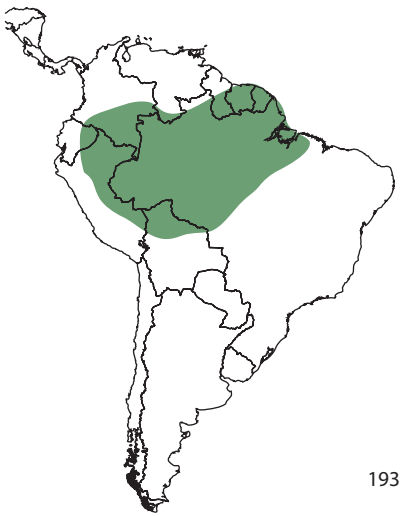
Hábito Terrícola

Atividade

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ● Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato e Lucas Mendes





Leptodactylus stenodema

Jiménez de la Espada, 1875

Rã, jia

Tamanho máximo aproximado (CRC)	9,6 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes, Fabrício Trein e Guilherme Ferreira

Chiasmocleis shudikarensis

Dunn, 1949

Sapinho





Tamanho máximo aproximado (CRC)	2,8 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, banhados e várzeas.
Hábito	Fossorial
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Lucas Mendes

Synapturanus mirandaribeiroi

Nelson & Lescure, 1975

Sapinho, sapinho-bicudo

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CRC)	3,2 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias.
Hábito	Fossorial
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●



Autoria da(s) foto(s): Fernanda Stender e Sérgio Morato

Pipa pipa
(Linnaeus, 1758)

Sapo-pipa, pipa, sapo-d'água



Tamanho máximo aproximado (CRC)	17,0 cm
Habitat	Igarapés, igapós, lagos, banhados.
Hábito	Aquático
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Lithobates palmipes
(Spix, 1824)

Rã, jia

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CRC)	11,7 cm
Habitat	Banhados, várzeas e vegetação aquática associada a rios, lagos e igarapés.
Hábito	Semiaquático
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●



Autoria da(s) foto(s):

Pristimantis cf. zeuctotylus
(Lynch & Hoogmoed, 1977)

Rã, jia, sapinho

Tamanho máximo aproximado (CRC)	4,5 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias e bordas de florestas.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Fabrício Trein

Pristimantis zimmermanae
(Heyer & Hardy, 1991)

Rã, jia, sapinho

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CRC)	2,6 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta, clareiras, capoeiras e áreas alteradas.
Hábito	Terrícola
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●



Autoria da(s) foto(s): Paulo Bernarde

Caecilia tentaculata
Linnaeus, 1758

Cobra-cega

Tamanho máximo aproximado (CT)	1,0 m
Habitat	Florestas aluviais primárias.
Hábito	Fossorial
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual	Nacional	Mundial
○	○	●

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Rhinatrema ron

Wilkinson & Gower, 2010

Cobra-cega

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CT)	35,5 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias e secundárias, bordas de floresta e clareiras.
Hábito	Fossorial
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual Nacional Mundial



Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Microcaecilia trombetas

Maciel & Hoogmoed, 2011

Cobra-cega

Tamanho máximo aproximado (CT)	23,0 cm
Habitat	Florestas de terra firme e florestas aluviais primárias.
Hábito	Fossorial
Atividade	Desconhecido

Níveis de ameaça

○ Estadual ○ Nacional ○ Mundial

Área(s) de ocorrência





Autoria da(s) foto(s): Sérgio Morato

Typhlonectes compressicauda

(Duméril & Bibron, 1841)

Piramboia, muçum

Área(s) de ocorrência



Tamanho máximo aproximado (CT)	80,0 cm
Habitat	Rios e lagos.
Hábito	Aquático
Atividade	

Níveis de ameaça

Estadual ○ Nacional ○ Mundial ●

Conservação da Herpetofauna da Flona de Saracá-Taquera

A Floresta Nacional de Saracá-Taquera foi criada com o objetivo de efetuar a proteção da biodiversidade de sua região de inserção, ao mesmo tempo em que prevê o desenvolvimento de pesquisas e operações de exploração dos recursos florestais e mineirais. Sua gestão é realizada pelo ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, o qual, em convênio com diversas instituições e, principalmente, com a MRN – Mineração Rio do Norte S.A., efetua a proteção, a pesquisa e o manejo da flora e da fauna regionais.

Conforme rege a Política Nacional do Meio Ambiente do Brasil (Lei Federal 6938/81), as ações de mineração desenvolvidas pela MRN na FLONA são precedidas de estudos de impactos ambientais e outros instrumentos de licenciamento, os quais contemplam medidas e programas destinados a evitar, minimizar, compensar, recuperar e monitorar os efeitos decorrentes dos processos de lavra sobre a flora e a fauna da Unidade. Entre as principais ações desenvolvidas pela MRN que são afetas à Herpetofauna, podem ser citados os projetos de recuperação de áreas degradadas pela mineração (PRAD), as atividades de monitoramento de fauna nas áreas em recuperação, na matriz florestal que margeia as áreas de minas, no lago Sapucuá (localizado ao sul da FLONA e onde foram efetuados três anos de monitoramento de quelônios e crocodilianos) e no rio Trombetas (onde está sendo iniciado um monitoramento do impacto do tráfego de navios sobre as populações da Tartaruga-da-Amazônia, *Podocnemis expansa*), as atividades de resgate e afugentamento de fauna das áreas a serem abertas para novas atividades de lavra, o monitoramento e controle de atropelamentos de fauna nas rodovias e vias que transpõem a FLONA, dentre outros.

Além dessas medidas, a empresa, em sua visão de sustentabilidade e responsabilidade social, desenvolve ainda outras ações socioambientais, a exemplo de atividades de educação ambiental para funcionários e para a comunidade regional, que objetivam a conservação do patrimônio biológico, e o apoio ao projeto Pé-de-Pincha, que objetiva a proteção e uso sustentável de quelônios aquáticos amazônicos por ribeirinhos.

As ações ambientais da MRN já apresentaram, como resultados, a avaliação da intensidade e do alcance de impactos da mineração e do sucesso da recuperação ambiental em diversas áreas da FLONA, a translocação e proteção de diversos animais das áreas de lavra, a sensibilização de funcionários e de moradores das comunidades para com a fauna, além de um inventário robusto das espécies presentes na região. A edição deste guia surge como resultado de tal inventário. A expectativa é que novas edições deste livro contemplem ainda outras espécies e novas informações sobre a biologia das mesmas, uma vez que novas e contínuas ações são previstas para desenvolvimento pela empresa na Unidade.

Em síntese, os dados derivados dos projetos indicam que, embora as atividades de lavra certamente gerem impactos significativos sobre a fauna regional, o controle e a minimização dos mesmos, bem como a recuperação das funções ambientais dos ecossistemas da Unidade, são possíveis. Há muitos fatores que favorecem a perpetuação das funções ambientais e garantem a proteção da biodiversidade da Unidade. Além de a recuperação ambiental ser desenvolvida com matrizes florestais de uma alta diversidade de espécies nativas, o fato das áreas de lavra se inserirem em meio a uma densa matriz florestal que é mantida intacta é um desses fatores, na medida em que os sistemas florestais de entorno consistem nas principais fontes de propágulos e de espécies da fauna para a recolonização das áreas em recuperação. Todas estas condições permitem a inserção do empreendimento minerário sob uma perspectiva sustentável, fazendo com que a presença da MRN na FLONA de Saracá-Taquera encontre-se em perfeita conformidade com o que rege a Política Nacional do Meio Ambiente.

Literatura Citada e Recomendada

Ab'Saber, A.N., 1971. A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras. *In:* Ferri, M.G. (Org.). III Simpósio sobre o Cerrado. São Paulo: Edgar Blücher, pp. 1-14.

Ab'Saber, A.N., 1977. Os domínios morfoclimáticos da América do Sul. Geomorfologia 52: 1-21.

Albernaz, A.L.K.M.; Ávila-Pires, T.C.S. (Orgs.), 2010. Espécies ameaçadas de extinção e áreas críticas para a biodiversidade no Pará. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 54 p.

Alfinito, J.; Vianna, C.M.; Silva, M.M.F.; Rodrigues, H., 1976. Transferências de tartarugas do Rio Trombetas para o Rio Tapajós. Brasil Florestal, 7 (26): 49-53.

Alho, C.J.R.; Carvalho, A.G.; Padua, L.E.M., 1979. Ecologia da tartaruga da Amazônia e avaliação de seu manejo na Reserva Biológica de Trombetas. Brasil Florestal 9 (38): 29-47.

Ávila-Pires, T.C.S., 1995. Lizards of Brazilian Amazonia (Reptilia: Squamata). Zoologische Verhandelingen, Leiden, 299: 706 p.

Ávila-Pires, T.C.S.; Hoogmoed, M.S.; Vitt, L.J., 2007. Herpetofauna da Amazônia. *In*: Nascimento, L.B. & Oliveira M.E. (Eds.). Herpetologia no Brasil II. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Herpetologia, pp. 13-43.

Ávila-Pires, T.C.S.; Hoogmoed, M.S.; Rocha, W.A., 2010. Notes on the Vertebrates of Northern Pará, Brazil: A Forgotten Part of the Guianan Region, I. Herpetofauna. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Nat., Belém, 5 (1): 13-112.

Azevedo-Ramos, C.; Galatti, U., 2002. Patterns of amphibian diversity in Brazilian Amazonia: conservation implications. Biological Conservation, 103: 103-111.

Bartlett, R.D.; Bartlett, P., 2003. Reptiles and amphibians of the Amazon: An ecotourist's guide. Univer. Press of Florida: 291p.

Bernarde, P.S.; Abe, A.S., 2006. A Snake Community at Espigão do Oeste, Rondônia, Southwestern Amazon, Brazil. South American Journal of Herpetology, 1 (2): 102-113.

Bernarde, P.S., 2007. Ambientes e temporada de vocalização da anurofauna no Município de Espigão do Oeste, Rondônia, Sudoeste da Amazônia - Brasil (Amphibia: Anura). Biota Neotropica 7 (2):87-92.

Bernarde, P.S.; Albuquerque, S.; Barros, T.O.; Turci, L.C.B., 2012. Serpentes do estado de Rondônia, Brasil. Biota Neotropica 12 (3).

Bonach, K., 2004. Diagnóstico da tartaruga-da-Amazônia *Podocnemis expansa* para a revisão do Plano de Manejo da Reserva Biológica do Rio Trombetas, Estado do Pará. Relatório Final. Goiânia, 29p.

Capobianco, J.P.R. (Org.), 2001. Biodiversidade da Amazônia Brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios. São Paulo: Instituto Socioambiental.

Carvalho, A.L., 1951. Os jacarés do Brasil. Arq. Mus. Nacional (Rio de Janeiro) 42 : 125-139.

Chippaux, J.P., 1986. Les Serpents de la Guyane Française. Paris: Orstom, 62 p.

Cracraft, J., 1985. Historical biogeography and patterns of differentiation within the South American avifauna: areas of endemism. Ornithological Monographs 36: 49-84.

Crump, M.L., 1971. Quantitative analysis of the ecological distribution of a tropical herpetofauna. Occas. Pap. Univ. Kansas. Mus. Nat. Hist. 3: 1-62.

Cunha, O.R.; Nascimento, F.P., 1993. Ofídios da Amazônia: As cobras da região leste do Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Zoologia, 9: 191 p.

Cunha, O.R.; Nascimento, F.P.; Ávila-Pires, T.C.S., 1985. Os Répteis da Área de Carajás, Pará, Brasil (Testudines e Squamata). Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi 40: 10–92.

Dixon, J.R., 1979. Origin and Distribution of Reptiles in Lowland Tropical Rainforests of South America. In: W.E. Duellman (ed.). The South American Herpetofauna: its Origin, Evolution, and Dispersal. Museum of Natural History of the University of Kansas Monographs: 7: 217– 240.

Duellman, W.E.; Trueb, L., 1986. Biology of Amphibians. The Johns Hopkins University Press, 670 p.

Duellman, W.E., 1978. The Biology of an Equatorial Herpetofauna in Amazonian Ecuador. University of Kansas Museum Natural History Miscellaneous Publication 65: 352 p.

Duellman, W.E., 1989. Tropical herpetofaunal communities: Patterns of

community structure in Neotropical Rainforests. *In*: M.L. Harmelin-Vivien & F. Bourliére (Eds.). Vertebrates in Complex Tropical Systems. New York, Springer-Verlag, pp. 61– 88.

Duellman, W. E. 1990. Herpetofaunas in Neotropical Rainforests: Comparative Composition, History, and Resource use. *In*: A.H. Gentry (Ed.). Four Neotropical Rainforests. New Haven: Yale University Press, pp. 455–505

Fitch, H.S., 1987. Collecting and life history techniques. *In*: R.A. Seigel, J.T. Collins and S.S. Novak (Orgs.). Snakes. Ecology and Evolutionary Biology. New York: MacMillan Publishing Co, pp. 143-164.

Fraga, R.; Lima, A.P.; Prudente, A.L.C.; Magnusson, W.E., 2013. Guia de cobras da região de Manaus, Amazônia Central. Manaus: Editora INPA, 303 p.

Franco, F.L.; Salomão, M.G., 2002. Répteis. *In* Auricchio, P. & Salomão, M.G. (Eds.). Técnicas de Coleta e Preparação de Vertebrados para Fins Científicos e Didáticos. São Paulo: Instituto Pau Brasil de História Natural, pp. 77-115.

Frota, J.G., 2004. As serpentes da região de Itaituba, médio rio Tapajós, Pará, Brasil (Squamata). Comun. Mus. Ciências Tecnol. PUCRS 17 (1): 9-19.

Gasc, J.P.; Rodrigues, M.T., 1980. Liste Preliminaire des Serpents de la Guyane Française. Bulletin du Muséum National d'Histoire Naturelle 2 (4): 559–598.

Haffer, J., 1978. Distribution of Amazon birds. Bonner Zoologischen Beiträge 29: 38-78.

Haffer, J., 1985. Avian zoogeography of the neotropical lowlands. Neotropical Ornithology 36: 113-146.

Haffer, J.; Prance, G.T., 2001. Climatic forcing of evolution in Amazonia during the Cenozoic: on the refuge theory of biotic differentiation. Amazoniana 16: 579–607.

Haller, E.C.P.; Rodrigues, M.T., 2006. Reproductive biology of the Six-Tubercled Amazon River Turtle *Podocnemis sextuberculata* (Testudines: Podocnemididae) in the Biological Reserve of Rio Trombetas, Para, Brazil. Chelonian Conservation and Biology 5: 280-284.

Heyer, W.R.; Donnelly, M.A.; McDiarmid, R.W.; Hayek, L.C.; Foster, M.S., 1994. Measuring and monitoring biological diversity: standard mothods for amphibians. Washington and London: Smithsonian Institution Press, 364 p.

Hoogmoed, M.S., 1973. Notes on the Herpetofauna of Surinam. IV. The lizards and amphisbaenians of Surinam. Biogeographica 4: 419 p.

IUCN (Intrenational Union for the Conservation of Nature), 2014. The IUCN Red List of Threatened Species. Disponível em: http://www.redlist.org.

Lescure, J.; Marty, C., 2000. Atlas des Amphibians de Guyane. Muséum National D'Histoire Naturelle. Patrimoines Naturels, 45: 388 p.

Lima, A.P.; Magnusson, W.E., 1998. Partitioning seasonal time: interactions among size, foraging activity and diet in leaf-litter frogs. Oecologia, 116: 259-266.

Lima, A.P.; Magnusson, W.E.; Menin, M.; Erdtmann, L.K.; Rodrigues, D.J.; Keller, C.; Hödl, W., 2006. Guia de Sapos da Reserva Adopho Ducke, Amazônia Central. Áttema Design Editorial. Manaus-AM, 168 p.

Lynch, J.D., 1979. The amphibians of the lowland tropical forest. *In*: Duellman, W.E. (Ed.). The South American herpetofauna: its origin, evolution, and dispersal. Monogr. Museum of Natural History University of Kansas, Lawrence, Kansas, 7: 189-215.

MacCulloch, R.; Lathrop, A., 2009. Herpetofauna of the Mount Ayanganna, Guyana: Result of the Royal Ontario Museum Ayanganna Expedition 2000. Contribution Science, 4: 36 p.

Machado, A.B.M.; Martins, C.S.; Drummond, G.M. (Eds.), 2005. Lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 157p.

Maciel, A.O.; Hoogmoed, M.S., 2011. Notes on the Vertebrates of Northern Pará, Brazil: a Forgotten Part of the Guianan Region, III. A New Species of *Microcaecilia* (Amphibia: Gymnophiona: Caeciliidae). Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Nat. 6 (1): 67-72.

Maciel, A.O.; Hoogmoed, M.S., 2011. Taxonomy and Distribution of Caecilian Amphibians (Gymnophiona) of Brazilian Amazonia, with a key to their identification. Zootaxa 2984: 1–53.

Magnusson, W.E., 1985. Habitat selection, parasites and injuries in Amazonian crocodilians. Amazoniana 9: 193-204.

Magnusson, W.E.; Silva, E.; Lima, A.P., 1987. Diets of Amazonian crocodilians. Journal of Herpetology 21: 85-95.

Martins, M. 1991. The lizards of Balbina, Central Amazonia, Brazil: a quantitative analysis of resource utilization. Studies on Neotrop. Fauna and Environment 26:179-190.

Martins, M.; Oliveira, M.E., 1998. Natural history of snakes in forests in the Manaus region, Central Amazonia, Brazil. Herpetological Natural History, 6 (20) 78-115

Medem, F., 1983. Los Crocodylia de Sur America. Vol. 2. Bogota, Colciencias, 270p.

Mesquita, D.O.; Colli, G.R.; Costa, G.C.; França, F.G.R.; Garda, A.A.; Péres, A.K., 2006. At the water's edge: ecology of semiaquatic teiids in Brazilian Amazon. Journal of Herpetology, 40: 221–229.

MMA (Ministério do Meio Ambiente), 2003. Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção. Disponível em http://www.mma.gov.br.

Morato, S.A.A.; Batista, V.B.G.V.; Paz, A., 2011. *Paleosuchus trigonatus* (smooth-fronted Caiman): diet and movement. Herpetological Bulletin 115: 34-35.

Rebelo, G.H., 1982. Avaliação de populações de crocodilianos do médio rio Trombetas, Pará. Revista Brasileira de Zoologia 1 (1): 91-94.

Pádua, L.E.M.; Alho, C.J.R., 1982. Comportamento de nidificação da tartaruga-da-amazônia *Podocnemis expansa* (Testudinata: Pelomedusidae) na Reserva Biológica do rio Trombetas. Brasil Florestal 12 (49): 33-44.

Pádua, L.E.M.; Alho, C.J.R.; Carvalho, A., 1983. Conservação e manejo da tartaruga-da-amazônia *Podocnemis expansa* na Reserva Biológica do rio Trombetas (Testudinata: Pelomedusidae). Brasil Florestal 13 (54): 43-70.

Pantoja, D.L.; Fraga, R., 2012. Herpetofauna of the Reserva Extrativista do Rio Gregório, Juruá Basin, Southwest Amazonia, Brazil. Check List 8 (3): 360-374.

Pritchard, P.C.H.; Trebbau, P., 1984. The Turtles of Venezuela. Society for the Study of Amphibians and Reptiles, Caracas, Venezuela: 403 p.

Rivas, G.A.; Molina, C.R.; Ugueto, G.N.; Barros, T.R.; Barrio-Amorós, C.L.; Kok, P.J.R., 2012. Reptiles of Venezuela: An Updated and Commented Checklist. Zootaxa 3211: 64 p.

Rodrigues, M.T., 2005. Conservação dos répteis brasileiros: os desafios de um país megadiverso. *In*: Megadiversidade 1 (1).

Rueda-Almonacid, J.V.; Carr, J.L.; Mittermeier, R.A.; Rodríguez-Mahecha, J.V.; Mast, R.B.; Vogt, R.C.; Rhodin, A.G.J.; Ossa-Velásquez, J.; Rueda, J.N.; Mittermeier, C.G., 2007. Las Tortugas y los Cocodrilianos de los Países Andinos del Trópico. Serie de Guías Tropicales de Campo Nº 6. Conservación Internacional. Editorial Panamericana, Formas e Impresos. Bogotá, Colombia. 538 p.

SBH (Sociedade Brasileira de Herpetologia), 2014. Lista dos Anfíbios do Brasil / Lista dos Répteis do Brasil. Disponível em http://www.sbherpetologia.org.br.

SEMA (Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Estado do Pará), 2007. Resolução n. 54, de 24/10/2007. Homologação da lista de espécies da flora e da fauna ameaçadas de extinção no Estado do Pará. Disponível em http://www.sema.pa.gov.br.

Silva, J.M.C.; Rylands, A.B.; Fonseca, G.A.B., 2005. O destino das áreas de endemismo da Amazônia. Megadiversidade 1: 124-131.

Starace, F., 1998. Guide des Serpents at Amphisbènes de Guiane. Paris: Ibis Rouge Éditions, 449 p.

Vanzolini, P.E., 1968. Lagartos brasileiros da família Gekkonidae (Sauria). Arquivos de Zoologia 17: 1-84.

Vanzolini, P.E., 1988. Distributional patterns of South American Lizards. In: Vanzolini, P.E. and Heyer, W.R. (Eds.). Proceedings of a Workshop on Neotropical Distribution Patterns. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, pp. 317-342.

Vanzolini, P.E.; Williams, E.E., 1981. The Vanishing Refuge: A mechanism for ecogeographic speciation. Pap. Avulsos Zool. 34 (23): 251-255.

Veloso, H.P.; Filho, A.L.R.R.; Lima, J.C.A. Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal. Fundação IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Rio de Janeiro, 123p., 1991.

Vitt, L.; Magnusson, W.E.; Pires, T.C.A.; Lima, A.P., 2008. Guia de Lagartos da Reserva Adopho Ducke, Amazônia Central. Áttema Design Editorial. Manaus-AM, 162 p.

Vogt, R.C., 2008. Tartarugas da Amazônia. Lima: Gráfica Biblos, 104 p.

Vogt, R.C; Cantarelli, V.H.; Carvalho, A.G., 1994. Reproduction of the Cabeçudo, *Peltocephalus dumerilianus*, in the Biological Reserve of Rio Trombetas, Pará, Brazil. Chelonian Conservation anda Biology 1 (2): 145-148.

Zimmerman, B.L.; Rodrigues, M.T., 1990. Frogs, snakes, and lizards of the INPA-WWF reserves near Manaus, Brazil. *In:* A.H. Gentry (Ed.) Four Neotropical Forests. London: Yale University Press, pp. 426-454.

Zwing, W.; Young, P.S., 1990. Desova e eclosão de *Podocnemis expansa* (Schweigger, 1812) (Chelonia: Pelomedusidae) no rio Trombetas, Para, Brasil. Forest 1990: 34-35.

ISBN 978-85-68814-00-0



IBAMA

ICMBio
INSTITUTO CHICO MENDES
MMA

MRN Mineração Rio do Norte

stcp
CONSULTORIA
ENGENHARIA
GERENCIAMENTO